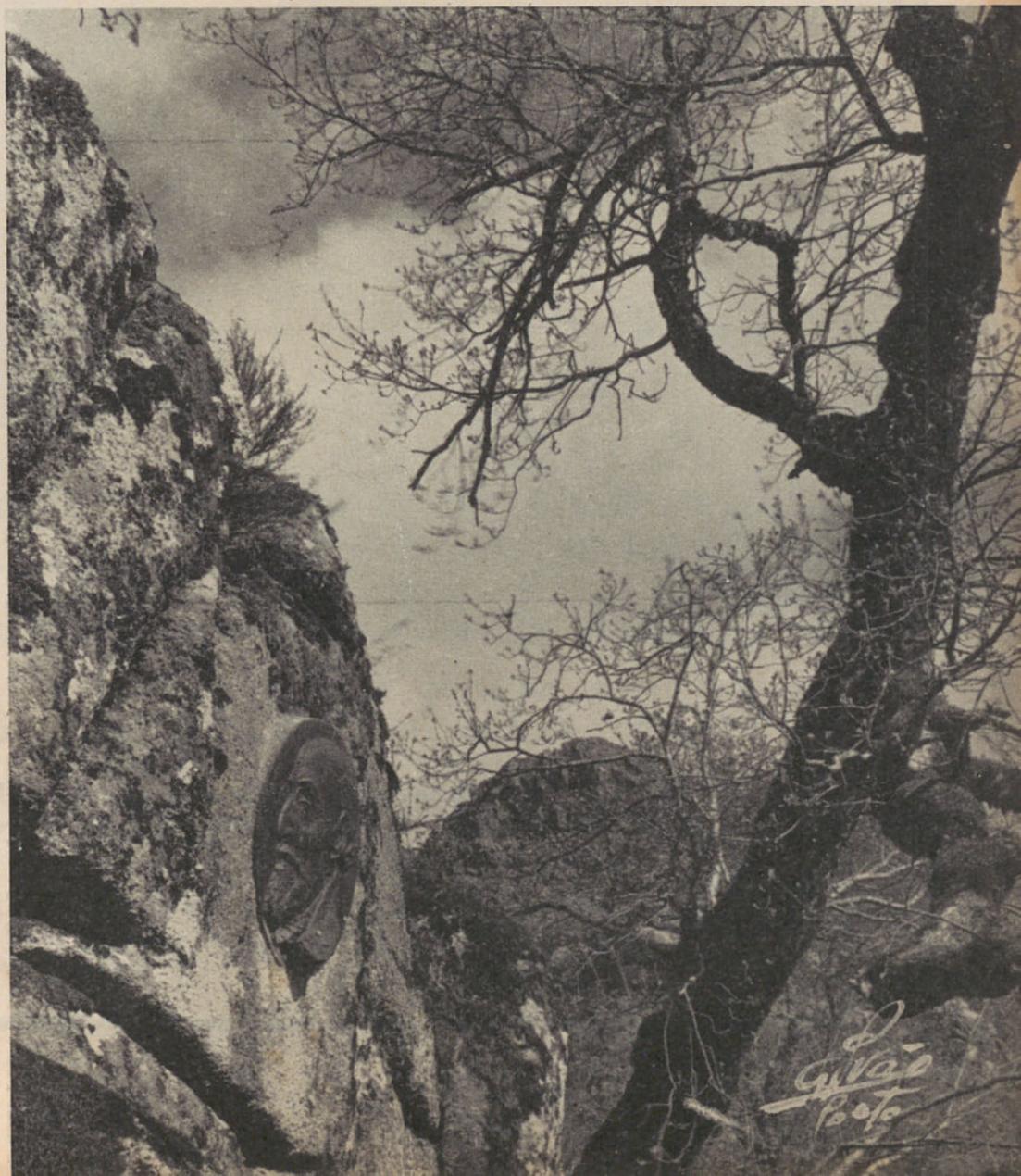
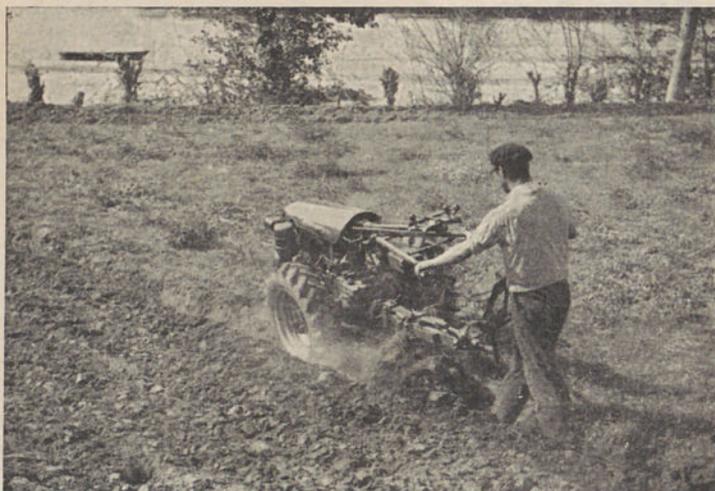


Gazeta das Aldeias

N.º 2492 • 1 DE ABRIL DE 1963



Sala
Est.
Tab.
N.º



<— *Na Lavoura*
BUNGARTZ

Nas Vinhas e Pomares —>
BUNGARTZ



<— *Nos Transportes*
BUNGARTZ
(ISENTO DE CARTA)

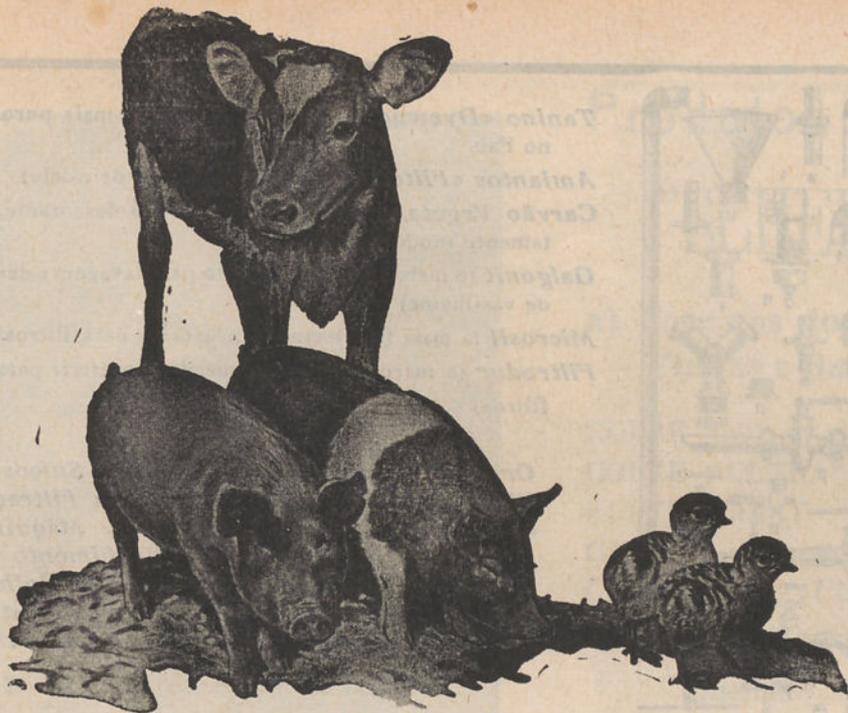
**NÃO HÁ MAIS EFICIENTE
NÃO HÁ MAIS ROBUSTO**

Motocultivadores Diesel de 7 e 13 HP.



**RAMO AGRÍCOLA DA
Agência Comercial de Anilinas, Lda.
75 — Galeria de Paris — 77
PORTO**

Telef. 25397



AUMENTE OS SEUS LUCROS

O **Aurofac*** é o produto que contém a Aureomicina* (clorotetraciclina) e o seu uso permanente nas rações proporcionar-lhe-á:

- 1.º Diminuição da mortalidade;
- 2.º Mais porcos por ninhada;
- 3.º Aumento do índice de crescimento e de engorda;
- 4.º Mais aumento de peso;
- 5.º Menor consumo de ração.

O uso diário do **Aurofac** nas rações permite que os porcos atinjam os pesos de abate 2 ou 3 semanas mais cedo. O uso diário do **Aurofac**, nas rações, poupar-lhe-á tempo e dinheiro.

Utilize o **Aurofac** nas rações dos porcos e será largamente compensado

APRESENTAÇÃO: AUROFAC 2A E AUROFAC 20

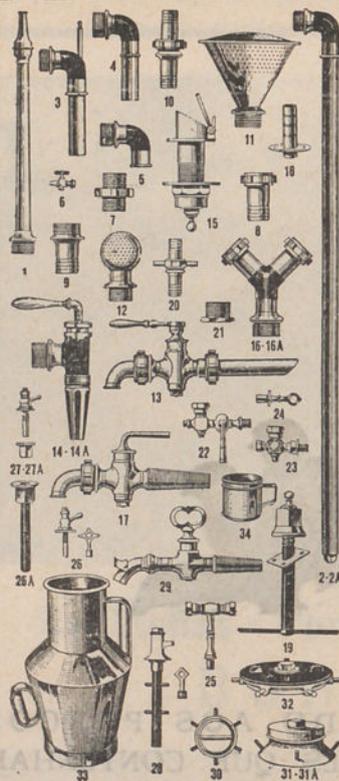
Peça ao seu fabricante, ou fornecedor, rações contendo **Aurofac**

* Marcas Registradas

DEPARTAMENTO AGRO-PECUÁRIO
Cyanamid International
A Division of American Cyanamid Company
30 Rockefeller Plaza, New York 20, N.Y., U.S.A.



Repres. exclusivos para Portugal e Ultramar:
ABECASSIS (IRMÃOS) & C.ª
Rua Conde de Redondo, 64—LISBOA
Rua de Santo António, 15-B.º—PORTO



Tanino «Dyewood» 100 % solúvel (o mais puro à venda no País)

Amiantos «Filterit» (isentos de ferro e de cálcio)

Carvão Vegetal «Actibon» (poderoso descorante, absolutamente inodoro)

Galgonit (o mais enérgico produto para lavagem e desinfecção de vasilhame)

Microsil (a mais fina terra de infusórios para filtros)

Filtrodur (a marca de placas que deve preferir para os seus filtros)

Grupos Electro-Bombas * Filtros Suíços de Placas * Instalações Suíças para Filtração * Instalações para Gaseificação * Máquinas Manuais e Mecânicas para Enchimento de Garrafas e Garrafões * Máquinas de Rolhar, etc. * Mangueiras de Borracha e de Plástico * Aparelhos de Laboratório

Sociedade de Representações GUIPEIMAR, L.da

Rua de Rodrigues Sampaio, 153-1.º
PORTO

TELE { fones: 28098-35173
gramas: GUIPEIMAR

3876

Senhor Lavrador

Se se encontra interessado na compra de:

Máquinas agrícolas, insecticidas, fungicidas e produtos enológicos.

Aubos simples e compostos.

Sementes para horta, prado e jardim.

CONSULTE O:

Centro Agrícola e Industrial, Lda.

307 — Rua Sta. Catarina — 309

PORTO

Telef. 25865/6

Teleg. AGROS

2747

No início da época das ervas...

Faça uma experiência com um motocultivador

Gutbrod

e ficará admirado do seu rendimento como segadeira.

Economize fazendo com um motocultivador todos os trabalhos agrícolas, como:

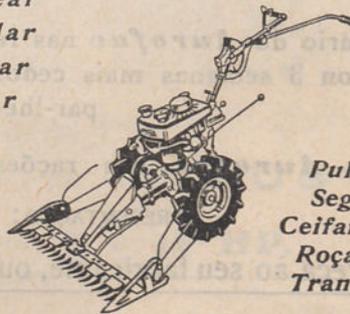
Cavar vinhas e pomares

Semear

Gradar

Sachar

Regar



Pulverizar
Segar ervas
Ceifar cereal
Roçar mato
Transportar
e até

Mungir as suas vacas

Agência Geral Gutbrod

R. de José Falcão, 152-156 — Tel. 20947 — PORTO

3781



Produtos

"SCHEERING"

a) Contra as doenças das Vinhas e Batatais:

COBRE "50"
COBRE "ULTRA"
KUPFER-CURIT
CURIT
CUPROXIDUL "ULTRA"

Contra o Míldio ou Queima

ENXOFRE
MOLHÁVEL "TOP"

Contra o Oídio ou Farinha

b) Contra as pragas, incluindo o Escaravelho da Batateira

DIDITAN "50" e "líquido"

Contendo DDT + LINDANO

DIDITAN Super

Contendo 50 % de DDT

VERINDAL "50", "ULTRA" e "líquido"

Contendo LINDANO

c) Contra o Alfinete ou Bicha Amarela do Milho

VERINDAL "S", ALDRINE CONCENTRADO
"DISPERSÍVEL"

d) Contra o Escaravelho da Batateira resistente aos insecticidas clorados

SV "50"

Contendo 50 % de 1-naphthyl-N-methylcarbamate

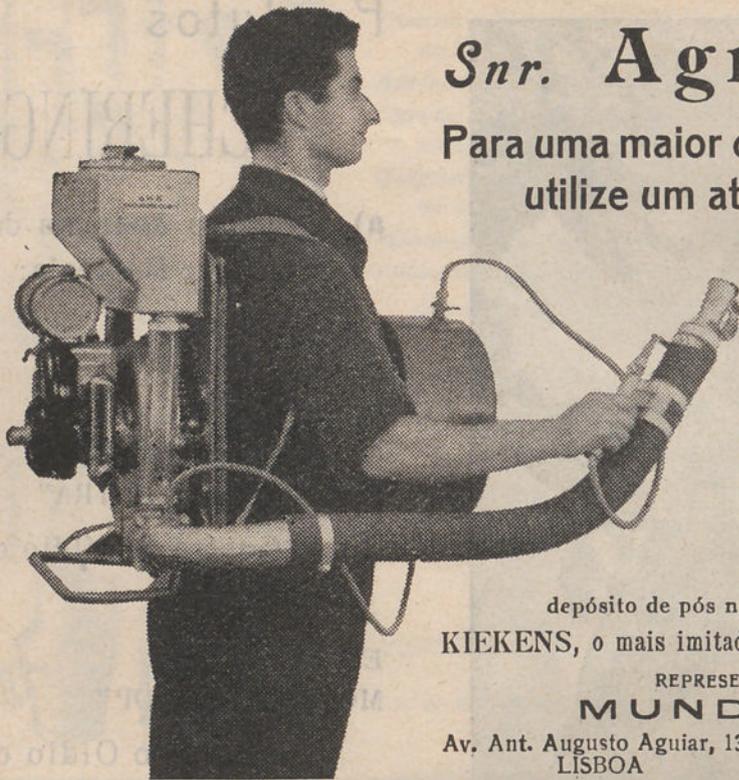


DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

AGUIAR & MELLO, LDA.

Praça do Município, 13-1.º — LISBOA





Snr. Agricultor

Para uma maior colheita de vinho,
utilize um atomizador KIEKENS

- FORMIDÁVEL economia em caldas e mão de obra
- ASSISTÊNCIA garantida
- REDUZIDO consumo de combustível
- LEVE

Temos para entrega:
Modelo simples com depósito cilíndrico no dorso, para 10 litros de calda e

Modelo combinado com depósito de pós no dorso e o de calda à frente.

KIEKENS, o mais imitado dos atomizadores de dorso

REPRESENTANTES:

MUNDINTER

Av. Ant. Augusto Aguiar, 138
LISBOA

R. Júlio Dinis, 886
PORTO

3912

À lavoura em geral e aos criadores de gado em especial

O sucesso que têm obtido os alimentos concentrados SOJAGADO é já hoje indiscutível. Todos os Grémios da Lavoura nos têm manifestado o apreciável valor da SOJAGADO

Produtos compostos completos:

- SOJAGADO N.º 3 — Para porcos de engorda
- SOJAGADO N.º 4 — > Galinhas poedeiras
- SOJAGADO N.º 5 — > Pintos até 6 semanas
- SOJAGADO N.º 6 — > Frangos para carne
- SOJAGADO N.º 7 — > Frangas

Produtos compostos complementares:

- SOJAGADO N.º 1 — Para vacas leiteiras
- SOJAGADO N.º 2 — > bovinos de engorda e trabalho
- SOJAGADO N.º 8 — > aves em postura
- SOJAGADO N.º 9 — > éguas criadeiras e poldros
- SOJAGADO N.º 10 — > porcos em crescimento (dos 25 aos 60 quilos)

SOJA PURA EXTRACTADA

Não engane o seu gado com alimentos pobres porque se engana a si próprio

SOJA DE PORTUGAL, LDA. * FÁBRICAS EM OVAR — Telef. 63

Escritórios em Lisboa, na Rua dos Fanqueiros, 38, 1.º — Telef. 323830 e 327806

Os pedidos podem ser feitos directamente aos n/ escritórios ou ao Sr. António Câmara Cordovil, Rua de Campolide, 55, 1.º, dt.º, Lisboa — Tel. 685262.

3584



W i n o

MASTIQUE
especial para a

VEDAÇÃO PERFEITA DO VASILHAME

Galeria de Paris, 75 PORTO

8689

Snr. Lavrador

Faça as suas contas!

Prefira como adubo azotado o

Nitro-Amoniaco C. U. F. Concentrado

com 26,5 % de Azoto

(Metade nítrico * Metade amoniaco)

pois é de todos os adubos azotados
aquele que resulta **MAIS BARATO.**

3455

Pode aplicá-lo, quer à

SEMENTEIRA quer em COBERTURA

Companhia União Fabril

LISBOA - 3

Av.ª do Infante Santo
(Gaveta da Av.ª 24 de Julho)



P O R T O

R. do Bolhão, 192-3.º

DEPÓSITOS E REVENDADORES EM TODO O PAIS



Moto-Serra Portátil

«TELES»

- * corte rápido
- * fácil manejo
- * leve
- * máxima garantia

3887

P ç: uma demonstração

Harker, Sumner, & C.a, L.da

38, P. de Ceuta, 18-PORTO * 14, L. Corpo Santo, 18-LISBOA

MOTORES INDUSTRIAIS

GRUPOS ELECTROGÉNEOS
A GASOLINA, PETRÓLEO OU DIESEL

- DE CORRENTE CONTÍNUA, PARA CARGA DE BATERIAS
- DE CORRENTE ALTERNA, PARA ILUMINAÇÃO, RÁDIO-TELEVISÃO OU PARA ELECTRO-BOMBAS

DIVISÃO MARÍTIMA E TÉCNICA

C. SANTOS, LDA.

TRAVESSA DA GLÓRIA, 17-LISBOA

3427

CHOCADÉIRAS "PAL"

(FABRICO FRANCÊS)

Eléctricas, petróleo e mistas,
50 a 20.000 ovos. Máximo rendimento. Acabamento esmerado. Preços mais baixos do mercado.

Tels. 321241-325085 H. BRAAMCAMP SOBRAL, LDA. P. do Município, 19-2.º-LISBOA-2

PINTOS DO DIA

Importação da América, Holanda, Dinamarca, Inglaterra e Israel
para **Engorda:**

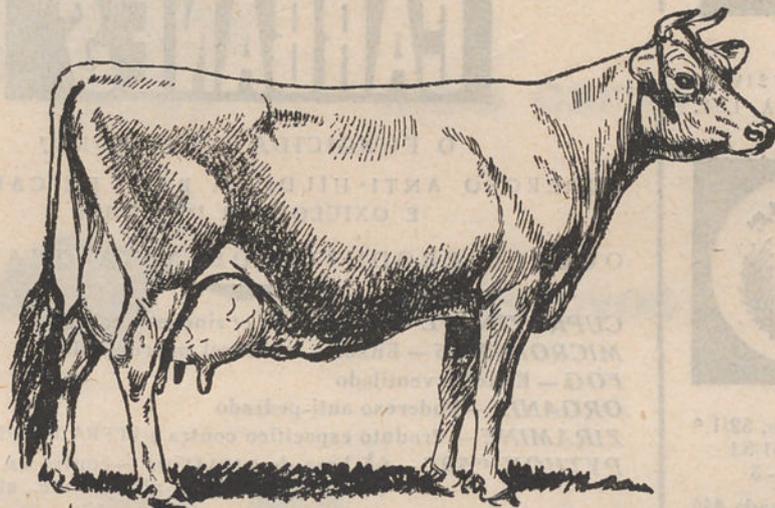
White Cornish, White
Rock, etc. «Híbridos»

para carne 3920

para **Ovos:**

White Leghorn, Rhode Island,
New Hampshire, etc. «Híbridos» para postura

VACA que não é ordenhada
é VACA que não dá rendimento...



...de modo que para combater a mastite que tão generalizada e que tão prejudicial é, há que ir pelo seguro: POMADA e SUSPENSÃO DE «AUREOMICINA» para instilação nos úberes, porque é um preparado de comprovada eficácia



Geralmente, basta um tratamento para que o animal se restabeleça e se possa aproveitar o seu leite. Mas sendo necessário repetir-se, só há que fazê-lo cada 48 horas, o que representa outra economia de tempo e de dinheiro

3211

POMADA e SUSPENSÃO DE AUREOMICINA*

Cloridrato de Clorotetraciclina para instilação nos úberes



* Marca Registrada

Apresentação: { POMADA
Bisnaga de 7,1 g
SUSPENSÃO
Seringa de 6 cc.

DEPARTAMENTO AGRO-PECUÁRIO
Cyanamid International
A Division of American Cyanamid Company
30 Rockefeller Plaza, New York 20, N.Y., U.S.A.



Repres. Exclusivos para Portugal e Ilhas:
ABECASSIS (IRMÃOS) & C.A
Pua Conde de Redondo, 64-3.º - LISBOA
Rua de Santo António, 15-3.º - PORTO



REP. EXCLUSIVOS:
A. F. GOUVEIA, LDA.



Av. Inf. Santo, 52/1.º
Tel. 675081/82
LISBOA - 3
R. Santos Pousada, 644
Tel. 44573
PORTO

PROTEJA AS SUAS
VINHAS
USANDO O PRODUTO ORIGINAL **PROCIDA**

CARBANE'S

O FUNGICIDA DO FUTURO!
PODEROSO ANTI-HÍLDIO À BASE DE CARBATÉNE
E OXICLORETO DE COBRE
OUTROS PRODUTOS DE ALTA QUALIDADE

CUPROZINATE — Anti-mildio c/ zinebe + cobre
MICROLUX 95 — Enxofre molhável micronizado 3019
FOG — Enxofre ventilado
ORGANIL — Poderoso anti-pedrado
ZIRAMINE — Produto específico contra a LEPRA DO PESSEQUEIRO
PYTHON "50" — (À base de PARATIÃO) — contra as lagartas do cacho, cochonilhas, afídeos, etc., etc., etc..

PEDIDOS AOS AGENTES LOCAIS

H. KLEIN, L. DA

Sucessores da casa H. KLEIN — fundada em 1894

Produtos Enológicos — Taninos, gelatinas, produtos especiais para o tratamento, melhoria e clarificação de vinhos.

Derivados de Mosto de Uva do Douro — Mosto esterilizado, Mosto concentrado, Mosto torrado.

Carvões vegetais activos — Para Enologia, Indústria açucareira, Indústria química.

Rua da Montanha, 177 — Vila Nova de Gaia
Telef. 390141 — Telegr. NIELK 1823

COALHO em pó para leite

Da acreditada marca Dinamarquesa «REYMANN», embalagem em caixas de madeira com 100 frascos, e em latas de 100, 250, 500 e 1000 gramas.

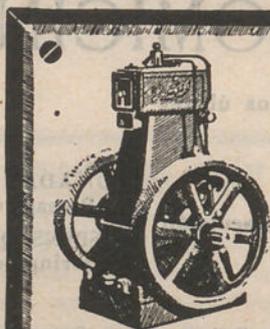
Cada frasco, 10\$00 - Cada kilo, 600\$00 8902

Para revenda, desconto de 20%

Para armazenistas ou compra de grandes quantidades, descontos especiais

Pedidos ao importador

Ezequiel Lopes Ribeiro — Proença-a-Nova



MOTORES A ÓLEO BAMFORD

DIESEL

O MELHOR MOTOR INGLÊS PARA A AGRICULTURA E PEQUENA INDÚSTRIA

RESISTENTES SIMPLES FÁCEIS DE MANEJAR ECONÓMICOS GARANTIDOS

JAYME DA COSTA, L.^{da}
14 - R. das Correioas - LISBOA
12 - P. da Batalha - PORTO
MECÂNICA E ELECTRICIDADE EM TODAS AS APLICAÇÕES

Desde 3½ HP - 600 R.P.M.

1149

AS RAÇÕES E CONCENTRADOS

PROVIMI

MUNDIALMENTE ACREDITADOS

são garantia de

mais carne

mais ovos

mais leite

MAIS DINHEIRO



Faça um ensaio... e convencer-se-á



FABRICANTES-CONCESSIONÁRIOS:

3501

*Fábrica de Rações da
Beira, Lda. — Caramulo*
*Fábrica Luso Holandesa de
Rações, Lda. — Carregado*
Bonifácio & Filhos — Ovar
Sofar, Lda. — Faro

*Prazeres & Irmão,
Sucrs., Lda. — Castro Verde*
*Nicolau de Sousa Lima
& Filhos Lda. — Ponta Delgada*
Freitas & Gouveia, Lda. — Funchal
A. Relvas, Lda. — Malange

PROVIMI PORTUGUESA — Concentrados
para Alimentação de Animais, Lda.

Rua do Machado, 47 — Carnide — LISBOA 4

Telefs. 783439 — 780391 — 782132 — 782131





Forocibene[®] pré-mistura a 50 %

Ação profiláctica notável contra os agentes patogéneos bacterianos e coccídias, no tracto gastro-intestinal, sem perturbar o desenvolvimento normal do animal.

Bácoros e Vitelos

Profilaxia das diarreias durante o crescimento e engorda.

Porcas em gestação

Profilaxia das perturbações gastro-intestinais durante o último período da gravidez e a amamentação.

Vacas leiteiras

Profilaxia das diarreias devidas à coccidiose, com administração complementar de vitaminas.

Galinhas poedeiras

Profilaxia da inflamação dos oviductos e das diarreias durante o período de postura.

C o e l h o s

Profilaxia da coccidiose e do meteorismo.

Um produto com a
garantia C I B A

Representantes:
Produtos CIBA, L.da — Av. 5^ª de Outubro, 48 — Lisboa



CURE radicalmente
a **Peeira**
dos **OVINOS**

com

Foot Rot e Tixol

A VENDA

nos agentes oficiais COOPER
e nos Grémios da Lavoura

Representantes:

Herbert Cassels, Ltd.

LISBOA

PORTO



O adubo de acção muito rápida

OS NOVOS

ADUBOS COMPOSTOS

CUF

vêm resolver os seus problemas de adubação...



não empregue outros adubos sem
verificar as vantagens que os
ADUBOS COMPOSTOS CUF lhe oferecem



PARA
TODOS OS ESCLARECIMENTOS
DIRIJA-SE AOS NOSSOS
SERVIÇOS AGRONÓMICOS

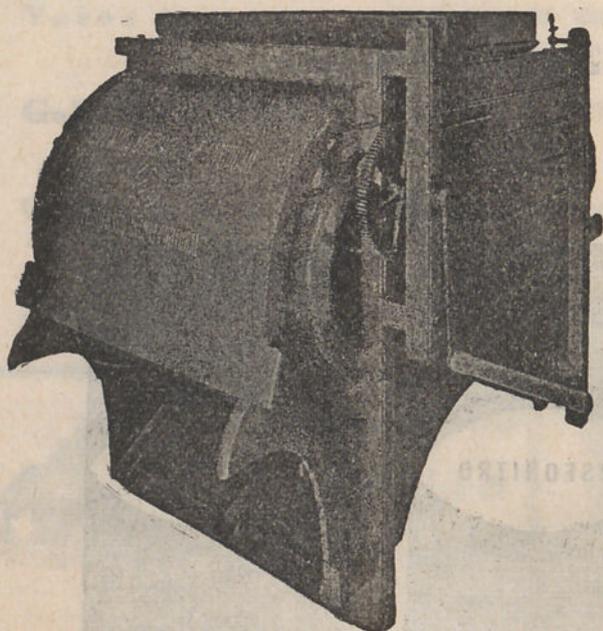
COMPANHIA UNIÃO FABRIL AVENIDA INFANTE SANTO LISBOA

3917



COMPANHIA INDUSTRIAL DE FUNDIÇÃO

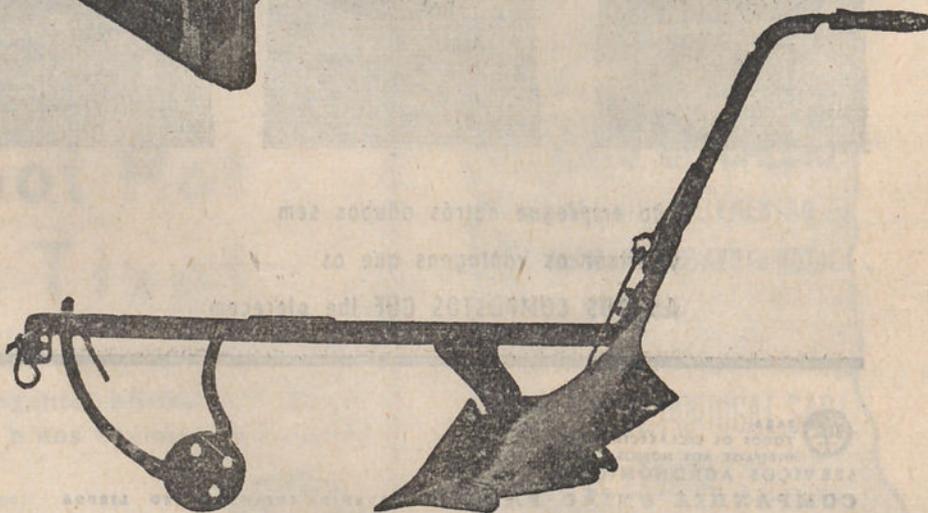
S. A. R. L.



CHARRUAS
DESCAROLADORES
TARARAS

TUDO O MATERIAL
AGRÍCOLA

Dirija
as
suas
consultas
à



Rua de S. João, 17 a 21—**PORTO**—Telefone P. P. C. $\left. \begin{array}{l} 24927 \\ 24928 \\ 24929 \end{array} \right\}$

3349



Srs. Lavradores!

Defendam as suas vinhas do
míldio, pulgão e oídio
usando com resultados garantidos

COBRE • DDT • ENXOFRE

Pestax

IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES.

Agro-Química Pestax, Lda.

Rua General Justiniano Padrel, 25 — LISBOA — 2

Insecticidas • Fungicidas • Herbicidas • Raticidas



COMBATA O **ESCARAVELHO
DA BATATEIRA**

com o novo insecticida à base de
Naftil-N-Metil Carbamato

especialmente indicado para a sua
exterminação total, mesmo dos tipos
resistentes que surgiram nas regiões onde a eficácia dos insecticidas
clorados (DDT, Lindane, Dieldane, etc.), é actualmente pouco activa.



«LEPTENE SUPER»

Pestax

39.6

Importadores e Distribuidores:

AGRO-QUÍMICA PESTAX, LDA.

Rua General Justiniano Padrel, 25 — LISBOA — 2

GAZETA das ALDEIAS

(129)

Societa Elettrica e Elettrochimica del Caffaro

MILANO

Terras Descorantes

para

Azeites e Óleos

Prolit "PM"

Prolit "Rapid"

A longa experiência da «CAFFARO»
é uma garantia da qualidade
e excelência dos seus produtos.

Produtos "CAFFARO"

- ▣ Terras Descorantes "Prolit"
- ▣ Pó Caffaro
- ▣ Oxidoreto de Cobre
- ▣ Cupro-Zin

Agente:

Emanuele Barabino

Rua da Prata, 93-2.º—Esq.
LISBOA - 2—Telef. 369965

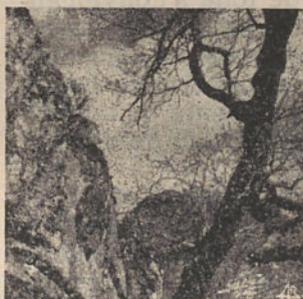
SUMÁRIO

Pecuária	240
Sanidade do pomar—Eng. Silvicultor Joaquim Abrantes Zenhas	242
Árvores e madeiras de Portugal—Eng. Silvicultor Albino de Carvalho	246
Trabalhos em Abril	248
Uma herdade no Estado de Wisconsin—Eng. Agrónomo Miguel E. Galvão de M. e Mota	254
A Técnica ao Serviço da Lavoura—Eng. Silvicultor Columbano Taveira Fernandes	256
A moderna agricultura Britânica	258
Objectivos e interesse nacional de uma profissão—Prof. C. M. Baeta Neves	259
Ensinos e conselhos úteis Videiras porta-enxertos—Eng. Agrónomo Alfredo Baptista	264
A cava das vinhas—Eng. Agrónomo H. Bonifácio da Silva	267
Caça e Pesca—Trutas em 1963—Almeida Coquet	269
Mirante—Conde d'Aurora	271
Secção Feminina	272

SERVIÇO DE CONSULTAS

— Viticultura	274
— Cunicultura	274
— Medicina Veterinária	275
— Direito Rural	275
Intermediário dos Lavradores	278
Informações	279

A NOSSA CAPA



Gerez—Leonte

Baixo relevo do saudoso Pintor Artur Loureiro

ASSINATURAS

Ano	100\$00
Semestre	55\$00
Número avulso	5\$00
Estrangeiro (Excepto Espanha)—mais	50 %/o

Visado pela Comissão de Censura

Gazeta das Aldeias

Fundada por *Júlio Gama*

REVISTA QUINZENAL DE PROPAGANDA AGRÍCOLA

DIRECTOR

AMÂNDIO GALHANO

Engenheiro Agrónomo

EDITOR JOAQUIM A. DE CARVALHO

Propriedade da Gazeta das Aldeias (S. A. R. L.) * Redacção e Administração: Av. dos Aliados, 66—PORTO
Telegramas: GAZETA DAS ALDEIAS—PORTO * Telefones: 25651 e 25652Composto e impresso na TIPOGRAFIA MENDONÇA (Propriedade da GAZETA DAS ALDEIAS)
Rua Jorge Viterbo Ferreira, 12-2.º—PORTO

PECUARIA

DENTRO das actividades agrícolas que se consideram dever ser profundamente revistas aparece em primeiro plano a criação animal.

«No entanto, a pecuária, como qualquer outro tipo de exploração agrícola, tem que obedecer a directrizes bem definidas», assim o afirmou o Secretário de Estado da Agricultura em recente conferência de imprensa.

Essas directrizes e a complexidade da exploração pecuária, a imensa interdependência dos factores de produção em jogo, a necessidade total duma perfeita harmonia desses factores para que a exploração seja economicamente viável, foram magistralmente expostos numa conferência que o Professor Joaquim Pais de Azevedo, do Instituto Superior de Agronomia proferiu no Porto a convite da Federação dos Grémios da Lavoura de Entre Douro e Minho.

Nessa conferência — a que o espirito brilhante, o entusiasmo, o realismo e essencialmente a competência do Professor Pais de Azevedo deram especial valor — ressaltou, como fundamental, a complexidade da exploração pecuária que implica um jogo perfeito de toda a actividade da empresa agrícola.

Na palavra fácil e incisiva do conferente as condições da exploração e as bases em que ela tem que assentar para ser eficiente e rentável, sucediam-se numa visão fulgurante.

Os factores solo, clima, estrutura e dimensão da empresa, plantas forraginosas, rotações de culturas, conservação das forragens, agigantavam-se até chegarem à meta — espécie, raça, mercado. Era todo um programa, com principio, meio e fim.

Bem hajam, o Professor Pais de Azevedo e os organizadores da conferência, por terem trazido ao numeroso público que estava presente, uma lição tão lúcida, onde se reafirmou, de forma tão evidente, que a exploração pecuária é, não uma actividade isolada, mas uma parte dum todo indivisível, dessa realidade complexa que é a empresa agrícola.



SANIDADE DO POMAR

5 — Esquemas gerais de tratamentos

Por JOAQUIM ABRANTES ZENHAS
Eng. Silvicultor

APRESENTAM-SE neste artigo três esquemas gerais de tratamentos, para algumas espécies frutícolas: um para a pereira e macieira, outro para o pessegueiro e ainda outro para a ameixeira, damasqueiro e cerejeira.

Convém frizar que a execução de todos estes tratamentos não põe a salvo de doenças, nem a coberto absoluto de ataques de insectos, as fruteiras tratadas. Estas, podem, mesmo assim, contrair doenças e sofrer alguns danos por parte de ataques de insectos.

Este facto, não invalida, porém, as vantagens e a eficácia dos tratamentos fitossanitários, obrigatoriamente a realizar nos pomares, pois que é sabido, que sem tratamentos a exposição das fruteiras às doenças e aos insectos é absoluta e certa.

Não sendo possível dar garantias para um total control das doenças das fruteiras e dos ataques de insectos a que estão sujeitas, recomenda-se, no entanto, a prática de todos os tratamentos apontados, nos respectivos esquemas, porque assim as probabilidades de ocorrência de doenças e de ataques de insectos são consideravelmente diminuídas e, na quase generalidade dos casos, são mesmo vencidas.

Os esquemas que se apresentam não têm carácter rígido, motivo porque tam-

bém não são infalíveis. Em certos anos os tratamentos aconselhados podem ser em número excessivo, mas pelo contrário, noutros, podem ser insuficientes.

Aconselha-se, portanto, tomar estes esquemas como normas e não como regras fixas de tratamento sanitário dos pomares. Assim, em anos com Primavera e Verão normais, é de toda a conveniência efectuar os tratamentos primaveris e estivais indicados; mas nos anos quentes e muito húmidos convém intervalar menos os tratamentos, especialmente os fungicidas, efectuando-os de oito, ou de dez em dez dias no máximo.

Os tratamentos indicados nestes esquemas, dizem respeito a fruteiras já em produção. Em pomares novos, com poucos anos de plantação, em que as fruteiras ainda não começaram a frutificar, são dispensados todos os tratamentos que visam a protecção dos frutos. Neste caso devem fazer-se os tratamentos fungicidas preventivos, de Primavera e de Verão, aconselhados, bem como os tratamentos insecticidas necessários ao combate de insectos, sempre que se dê pela sua presença.

Feitas estas observações continua-se ainda, e sempre, a insistir na prática dos tratamentos sanitários dos pomares, para a qual apresentamos os presentes esquemas.

SUMÁRIO

210
212
215
218
220
222
225
228
230
232
235
238
240
242
245
248
250
252
255
258
260
262
265
268
270
272
275
278
280
282
285
288
290
292
295
298
300
302
305
308
310
312
315
318
320
322
325
328
330
332
335
338
340
342
345
348
350
352
355
358
360
362
365
368
370
372
375
378
380
382
385
388
390
392
395
398
400
402
405
408
410
412
415
418
420
422
425
428
430
432
435
438
440
442
445
448
450
452
455
458
460
462
465
468
470
472
475
478
480
482
485
488
490
492
495
498
500
502
505
508
510
512
515
518
520
522
525
528
530
532
535
538
540
542
545
548
550
552
555
558
560
562
565
568
570
572
575
578
580
582
585
588
590
592
595
598
600
602
605
608
610
612
615
618
620
622
625
628
630
632
635
638
640
642
645
648
650
652
655
658
660
662
665
668
670
672
675
678
680
682
685
688
690
692
695
698
700
702
705
708
710
712
715
718
720
722
725
728
730
732
735
738
740
742
745
748
750
752
755
758
760
762
765
768
770
772
775
778
780
782
785
788
790
792
795
798
800
802
805
808
810
812
815
818
820
822
825
828
830
832
835
838
840
842
845
848
850
852
855
858
860
862
865
868
870
872
875
878
880
882
885
888
890
892
895
898
900
902
905
908
910
912
915
918
920
922
925
928
930
932
935
938
940
942
945
948
950
952
955
958
960
962
965
968
970
972
975
978
980
982
985
988
990
992
995
998
1000

Esquema geral de tratamentos da pereira e da macieira

Épocas de tratamento	Produtos a utilizar e doses	Doenças e pragas vulneráveis	Observações
No fim do Inverno, antes de os gomos começarem a inchar	Caldas de carbolineos de 5-9 o/o	Fungos, musgos e líquenes; formas hibernantes de insectos	A fazer só em fruteiras em muito mau estado. Nas árvores com casca morta e aderente usar as concentrações mais altas
2-3 semanas antes do abrolhamento	Óleos amarelos a 2-4 o/o ou óleos brancos a 4 o/o ou qualquer destes óleos e mais 30 gr de paratião por 100 l de calda	Formas hibernantes de insectos	A efectuar em substituição do anterior, quando as fruteiras não tenham musgos, nem líquenes
Imediatamente antes da floração	Calda bordalesa a 1 o/o, oxicleto de cobre, fungicidas orgânicos ou orgânico-cúpricos	Pedrado	Usar as concentrações indicadas pelos fabricantes
	D.D.T., ou H.C.H., ou organo-fosfóricos (no caso de haver pulgões)	Hoplocampa, psilas, pulgões e outros insectos	
Ao cair das primeiras pétalas	Fungicidas orgânicos ou enxofres molháveis	Pedrado	—
	D.D.T., ou H.C.H., ou organo-fosfóricos (no caso de haver pulgões)	Hoplocampa, psilas, pulgões e outros insectos	
Fim da queda das pétalas	Fungicidas orgânicos ou enxofres molháveis	Pedrado, oídio	Os insecticidas organo-fosfóricos não se podem misturar com enxofre
	Insecticidas orgânico-fosfóricos, ou arseniato de chumbo	Bichado da fruta e fiandeira ou teia	
2-3 semanas mais tarde	Repetir o tratamento anterior	—	—
2-3 semanas mais tarde	Repetir o tratamento anterior	—	—
3 semanas mais tarde	Arseniato de chumbo na dose de 90 gr/100 l de água, ou D.D.T. a 50 o/o, 125 gr/100 l	Bichado da fruta	Nas variedades precoces usar D.D.T.
3 semanas mais tarde	D.D.T. a 50 o/o, 125 gr/100 l de água	Bichado da fruta	—
Fim de Agosto	Enxofre molhável, ou fungicidas orgânicos	Pedrado	A efectuar só em anos húmidos
Queda completa das folhas	Calda bordalesa a 2 o/o ou oxicleto de cobre, mais 1 o/o de óleo branco	Cancro	—

NOTAS — Na preparação das caldas usar as concentrações e seguir as indicações dadas pelos fabricantes dos respectivos produtos comerciais; se o tempo correr quente e húmido devem intervalar-se menos os tratamentos fungicidas; às caldas de arseniato de chumbo adicionar 0,5 quilo de óleo branco; sempre que apareçam pulgões tratar com produtos organo-fosfóricos; se surgir algum ataque de oídio, tratar aos primeiros sintomas com caldas de permanganato de potássio a 1 o/oo, seguindo-se imediatamente um tratamento com enxofre.

Esquema geral de tratamentos do pessegueiro

Épocas de tratamento	Produtos a utilizar e doses	Doenças e pragas vulneráveis	Observações
No fim do Inverno, antes de os gomos começarem a inchar	Carbolíneos em caldas a 5-9% ou Dinitrocresóis a 230 gramas de matéria activa/100 litros de água	Musgos, líquenes e formas hibernantes de insectos	A efectuar só em árvores em muito mau estado
Imediatamente antes da rebentação	Calda bordalesa a 2% Óleos amarelos a 2-4%	Lepra Ovos de pulgões e cochonilhas	O tratamento com óleo só se deve fazer em substituição do anterior
A seguir à rebentação	Enxofre molhável	Lepra, monília, oídio	Usar as concentrações indicadas nas embalagens
Logo após a queda das pétalas	Repetir o tratamento anterior	—	—
2-3 semanas mais tarde	Voltar a repetir o mesmo tratamento	—	—
No Outono, quando as folhas começarem a cair	Calda bordalesa a 2%	Lepra-monília	—

NOTAS: Além destes tratamentos podem tornar-se necessários mais os seguintes:

a) *Afidios* ou *pulgões* — Logo que note a presença destes insectos, fazer tratamentos com caldas de nicotina ou de produtos organo-fosfóricos.

b) *Mosca do Mediterrâneo* — Se forem usadas garrafas-mosqueiros, tratar os pessegueiros com produtos organo-fosfóricos, logo que se dê pela presença dos insectos; caso contrário iniciar os tratamentos com produtos organo-fosfóricos quando os frutos começarem a mudar de cor e repeti-los de 10 em 10 dias até três semanas antes da colheita.

c) *Lepra* — Se não obstante os tratamentos indicados, a título preventivo, os pessegueiros denotarem sintomas de ataques de lepra, tratar imediatamente com enxofres molháveis.

d) *Formiga argentina* — Pulverizar os troncos com caldas de clordano, logo que se dê pela sua presença.

Esquema geral de tratamentos do damasqueiro, da cerejeira e da ameixeira

Épocas de tratamento	Produtos a utilizar e doses	Doenças e pragas vulneráveis	Observações
No fim do Inverno, antes de os gomos começarem a inchar	Carbolíneos em caldas a 5-9% ou Dinitrocresóis a 230 gramas de matéria activa/100 litros de água	Musgos, líquenes e formas hibernantes de insectos	A efectuar em árvores em muito mau estado
Logo que os gomos começam a inchar	Calda bordalesa a 2%, fungicidas orgânicos ou orgânico-cúpricos H. C. H. ou organo-fosfóricos	Crivado, monília, antracnose. Mal deformante das ameixas Hoplocampa. Tinha das flores de cerejeira	Usar as concentrações indicadas pelos fabricantes
Após a queda das pétalas	Repetir o tratamento anterior, baixando a concentração da calda bordalesa para 0,5%	—	—
2-3 semanas mais tarde	Voltar a repetir o mesmo tratamento	—	—
A partir do início da maturação	Caldas de D. D. T. ou de lindano	Lagarta dos frutos	Fazer 3-5 tratamentos intervalados de 15 dias. Estes tratamentos só interessam à ameixeira e ao damasqueiro
De fins de Maio a princípios de Julho	Caldas de D. D. T. ou de organo-fosfóricos	Mosca da cereja	Só interessa à cerejeira. Fazer este tratamento logo que se dê o aparecimento do insecto

NOTAS: Além destes tratamentos podem tornar-se necessários mais os seguintes:

a) *Afidios* ou *pulgões* — Logo que se note a sua presença fazer tratamentos com caldas de nicotina ou de produtos organo-fosfóricos.

b) *Formiga argentina* — Pulverizar os troncos com caldas de clordano, logo que se dê pela sua presença.

c) *Mosca do Mediterrâneo* — Os damascos podem ser atacados por este insecto. Se forem usadas garrafas-mosqueiros tratar os damasqueiros com produtos organo-fosfóricos, logo que se dê pela presença da mosca, caso contrário iniciar os tratamentos com organo-fosfóricos quando os frutos começarem a mudar de cor e repeti-los de 10 em 10 dias, até 3 semanas antes da colheita. Estes tratamentos dispensam os tratamentos contra a lagarta.

d) Nos anos quentes e húmidos intervalar menos os tratamentos fungicidas e levá-los até mais tarde.

Árvores e madeiras de Portugal

I—CASTANHEIRO

Por ALBINO DE CARVALHO
Eng. Silvicultor

(Continuação do n.º 2490 pág. 186)

REFER'MOS já os cuidados a ter para reduzir ou evitar o aparecimento destas causas de desvalorização das madeiras. Em abono do que se disse, acerca da influência do «tratamento» dos povoamentos na qualidade da madeira, ocorre chamar a atenção para o facto dos Castanheiros *bravos* atingirem maior idade em bom estado sanitário do que os *mansos*; nestes, as podas e as fracturas de pernadas, abreviam ou facilitam a instalação dos agentes depredadores.

Nas árvores isoladas e dos souts *mansos*, há tendência para a formação de grandes pernadas, o vestígio das quais, nas tábuas, é conhecido pela designação de *vergada*. Em virtude da inserção das maiores ramificações a pequena altura do solo, o fuste dos Castanheiros desenvolvidos nas condições acima descritas é *escasso*, isto é, curto, incapaz, portanto, de dar peças de grandes comprimentos; pelo contrário, nos Castanheiros *bravos*, o tronco é mais elevado e despidido de ramaria, razão pela qual podem fornecer madeiras de maiores dimensões para carpintaria e construção. Com o objectivo essencialmente madeireiro, as árvores devem ser educadas convenientemente, suprimindo, por meio de podas ajustadas, oportunas e frequentes, os ramos que possam limitar a parte da árvore aproveitável como madeira.

A morte dos Castanheiros em pé, devida, sobretudo, à «doença da tinta», é considerada, em algumas regiões do País, como desfavorável à qualidade da madeira. O facto agrava-se quando a árvore permanece morta durante largo período antes de ser cortada. Então, ocorrem fenómenos de dessecação, acompanhados do desaparecimento de substâncias de reserva e, provavelmente, de um início de alteração, factos que não são alheios à sua maior leveza, maior permeabilidade e maior fragilidade; atribui-se-lhe, também, menor duração. Tal madeira é, portanto, menos valiosa e transaccionada a mais baixo preço. Deve, pois, aconselhar-se, infrutíferos os esforços para evitar a morte da árvore, o abate no mais curto espaço de tempo, convertendo-a com brevidade.

Ao que parece, é relativamente frequente, na Beira Alta, o aparecimento de um sério defeito na madeira de Castanheiro; trata-se da formação de *fendas anelares* ou *tangenciais*, aspecto denominado *folheda* na linguagem popular. De facto, no Castanheiro, é possível o descolamento das *camadas de crescimento*, motivado por causas em certa medida desconhecidas, possivelmente de natureza mecânica ou ecológica, fenómeno que pode atingir gravidade. As madeiras que apresentam este defeito

são designadas «solapadas» ou «desunidas».

Ainda nos povoamentos os Castanheiros podem ser atingidos por traumatismos graves, como são as *fendas de geladura*, extensas lesões longitudinais nos fustes e nas pernas principais motivadas por temperaturas anormalmente baixas. Estes defeitos, além de provocarem apreciáveis prejuízos no aproveitamento tecnológico da madeira, favorecem a instalação de agentes depredadores. A cuidadosa selecção das regiões de cultivo e a escolha das exposições menos frias, pode reduzir os perigos do aparecimento deste defeito.

A madeira de Castanheiro possui, como dissemos, alta duração quando aplicada bem seca. Esta característica é peculiar do cerne, porquanto o borne está sujeito, durante a secagem das peças ou pouco tempo após a sua aplicação, ao ataque de insectos xilófagos que prontamente o reduzem a uma massa pulverulenta. Entre estes devem citar-se os carunchos pequenos (*Lyctus* spp) muito frequentes entre nós. Nas madeiras bordadas desta espécie, como são quase todas as produzidas pelos castinçais de curta revolução, aconselham-se tratamentos preventivos adequados à boa conservação do lenho.

A madeira de Castanheiro — o castanho — tem no nosso País múltiplas utilizações. Fundamentalmente, podem definir-se dois grandes campos de aproveitamento, consoante o diâmetro das árvores produtoras: a) madeiras de pequenas dimensões, exclusivamente fornecidas pelos *soutos bravos* ou castinçais, e que se destinam à cestaria (diâmetro entre 0,03 e 0,15 m), à tanoaria (diâmetro entre 0,07 e 0,25 m) e a postes (a partir dos 0,15 m); b) madeiras de grandes dimensões — produzidas por Castanheiros *bravos* e *mansos*, aqueles raramente cultivados em povoamento — e que se destinam à marcenaria, tacos para pavimentos, folheados e contraplacados, (especialmente as madeiras produzidas pelos *mansos*) e a estruturas, carpintaria de limpos, torneados, também a folheados e contraplacados, etc. (sobretudo as fornecidas pelos *bravos*).

Estas são, actualmente, as utilizações

nobres da madeira de Castanheiro, na verdade uma das nossas madeiras metropolitanas mais valiosas. Porém, grande parte do volume lenhoso saído dos soutos é consumido como combustível, sendo a lenha mais vulgar nas regiões do Nordeste português.

É evidente que outros e muito valiosos aproveitamentos pode ter a madeira de Castanheiro, mas a possibilidade actual dos nossos povoamentos não per-



Microfotografia da secção tangencial do lenho do Castanheiro

mite concretizá-los. Entretanto, estudos feitos levam a concluir das boas características da espécie para a indústria papelreira; por outro lado, o elevado teor taninoso das suas cascas e madeiras justifica a extracção. Um dos esquemas tecnológicos preconizados para os produtos dos castinçais consiste no desfibramento da madeira seguido da extracção dos taninos e do subsequente aproveitamento do lenho no fabrico de papéis de boa qualidade ou de painéis de fibra.

O que acima fica dito permite concluir, com fundamento, que o Castanheiro é, de facto, uma das espécies florestais portuguesas de maior interesse econó-

(Conclui na pág. 253)

Trabalhos

em

Abril

NOS CAMPOS

Ainda neste mês se podem fazer lavou-
ras preparatórias nos pousios e bem assim
atalhar ou atravessar os terrenos destina-
dos à cultura dos cereais de Outono e
que já devem ter sido lavrados.

Semear: — cereais de Primavera —
arroz, milho estreme ou associado a feijão;
trigo sarraceno, e, nas zonas frias, aveia
e trigo tremês (fino, de Primavera, serô-
dio); legumes — amendoim, chícharo, fei-
jão, feijoa, soja; — e para o fim do mês
o feijão frade; — plantas oleaginosas —
ricino; — e plantas têxteis — cânhamo
e linho.

Semear pastos: — alpista; — ervilhaca-
-da-Primavera; — girassol; — painço, por
tempo firme, em virtude da nascença ser
muito sensível às intempéries, e adubado
convenientemente consoante o terreno;
— erva do Sudão, que dá cortes sucessi-
vos até o fim do Estio; milho basto ou
milharada; — sorgo ou zaburro, capaz de
grandes produções mesmo em sucessivos
cortes; — milho miúdo; — luzerna, trevo-
-branco, trevo-híbrido e trevo-violeta, em
terreno bem preparado e generosamente
adubado; — couve-galega e colza; e ainda
beterraba, conoura, chirivia.

Plantar: — açafrão, batata comum,
batata-doce e topinambo (deste tanto
tubérculos como rebentos), devidamente
adubados.

Plantar, no lugar definitivo, a rutabaga
e a beterraba, criadas em viveiro, adu-
bando-as convenientemente.

Estimular os lameiros com nitroamo-
niacal, ou adubo equivalente para se con-
seguir boa erva de corte ou pastagem; e
vedar dos gados os lameiros destinados
à produção de feno ou a corte.

Decruar os milhos já nascidos; e se
os frios os atrasarem ou se apresentarem
amarelos, aplicar-lhes uma cobertura azo-
tada.

Sachar batatas do cedo assim como
ervanços, e aplicar-lhes também, sendo
necessário, em cobertura, um adubo azo-
tado.

NOS OLIVAIS

Plantar ainda, nas zonas mais frescas,
barbados ou tanchoeiras.

Concluir a poda ou alimpa, que pode
prolongar-se até o fim do mês nas zonas
mais frias do norte do País.

Limpar os troncos e pernas conforme tem sido indicado, trabalho que deve fazer-se especialmente nos dias húmidos.

Decroar, onde a terra o permita, sem perda de tempo, para não prejudicar a vegetação; e estravessar, se o tempo o aconselhar, gradando em seguida sempre pela manhã, estando o tempo seco, para aproveitar toda a humidade e frescura da terra.

NAS VINHAS

Plantar ainda barbados de americano ou enxertos, que tenham sido abacelados a tempo, abicando-os sempre que seja necessário.

Enxertar ainda nos sitios mais frios e os bacelos que se encontrem mais atrasados.

Terminar a empa, não esquecendo as baceladas.

Adubar as vinhas cansadas e empregando os fertilizantes mais apropriados para a região e terreno. Enterrar os cevados (cezirões, fenacho, tremoços, etc.), onde estejam floridos ou bastante desenvolvidos, aplicando ao mesmo tempo gesso ou cal em pó nas terras falhas deste elemento.

Decroar à enxada ou charrueco, excepto nas terras que se mantenham pesadas; redrar ou esborralhar, onde já se tenha decruado cedo, se o terreno o indicar.

Cobrir ou abafar com rolo ou grade lisa, pelas manhãs, para diminuir a evaporação, se o tempo vai firme, de sol, nas regiões secas e quentes.

Esladroar já, com o cuidado de não eliminar o que possa fazer falta para esperas.

Preparar o material para a enxofra, desde a velha enxofradeira e torpilhas

até aos modernos aparelhos, que com a mesma quantidade de fungicidas defendem mais larga superfície. Claro é não ser necessário apontar que apenas se devem empregar bons enxofres que o mercado oferece. Embora aparentemente mais caros, resultam mais económicos. Enxofrar o pâmpano.

Preparar os pulverizadores e fazer o primeiro tratamento contra o mildio onde tenham já aparecido os pâmpanos ou gomões.

Como medida de economia fazer os tratamentos compostos ao mildio e ao oídio.

NOS POMARES

Plantar fruteiras de espinho, laranjeiras e similares, que de ano para ano mais rendimento dão ao pomareiro.

Enxertar diversas fruteiras de escudo e de garfo e aplicar, neste caso, bons unguentos, que facilitam o pegamento.

Observar as ligaduras dos enxertos feitos nos meses anteriores.

Esladroar, sobretudo as árvores novas e os enxertos feitos anteriormente.

Pulverizar: — contra o pedrado das nespereiras e a lepra do pessegueiro com caldas apropriadas; — contra lapas e escamas com emulsões oleosas aplicadas às citranjeiras depois da floração; — contra o pio-lho, pulgão ou formiga, etc. com as caldas convenientes e escolhidas conforme a praga a combater.

Para a luta contra todas estas pragas encontram-se no mercado produtos de seguro efeito e que, em muitos casos, resultam mais económicos que os de preparação caseira.

Dispor, em locais apropriados, frascos apanha-moscas para o combate à mosca da fruta, e, de noite, lampeões ou faróis munidos de recipientes com iscos para apanha de borboletas.

Isolar as árvores com cintas de viscos e combater a formiga com caldas de clordane.

Na Madeira sachar e regar abacateiros, anoneiras e citranjeiras; — transplantar para o fim do mês, mondar e sachar bananeiras; preparar terra para a primeira aplicação de guanos; limpar de flores e folhas secas os cachos das bananeiras; — enxertar e podar anoneiras.

NOS VIVEIROS

Semear caroços de fruteiras, se estiverem estratificados; — pevides de laranjeiras e similares, palmeiras, areca, casiota, chamaerops, corifas, kentia, latania, phoenix, etc.

Plantar ainda estacas de oliveira e de videira brava ou americana.

Enxertar das variedades apropriadas os cavalos com o suficiente desenvolvimento, e recorrer a unguentos para os de garfo.

Mondar e sachar os diversos talhões necessitados. E nitratar, onde for necessário estimular, ou aplicar cevadouros.

Vigiar os enxertos anteriormente feitos livrando-os dos ladrões que aparecerem.

NAS MATAS E NOS MATOS

Terminar, tão breve quanto possível, os cortes de talhadia.

Efectuar as últimas sementeiras e plantações.

Enxertar de coroa os castanheiros destinados a frutos.

Podar e limpar os castanheiros mansos, tendo o cuidado de eliminar o lenho apodrecido e preservar da chuva as grandes feridas com recurso a argamassas apropriadas.

Colher a gema nos pinhais sujeitos a resinagem, segundo os preceitos regulamentares.

Limpar montados. — E ainda limpar ou abrir aceiros para evitar a propagação dos incêndios.

NAS HORTAS

Acabar a preparação das terras para as sementeiras e plantações da época cavando ou lavrando, estrumando e adubando quimicamente, corrigindo com cal, gesso ou sucedâneos; seguir no caso de dúvida, as indicações em muitas ocasiões indicadas nestas colunas.

Semear, ao ar livre; — em alfobre alcaparra e tomilho; aipo, alface, acelga, chicória, alcachofra; couves diversas — de Bruxelas, flor, da Póvoa ou couvão, portuguesa ou cedovém, repolho, sabóia; beringela e rutabaga;

— em vasos, para transplantação, abóboras, melões, pepinos;

— e, no lugar definitivo, agrião, espinafre, mastruço; erva doce, mangerona, mostarda, pimpinela, salsa e tomilho; gombo ou quiabo e cebolinha para conserva; cenoura, nabo, pastinaga, rábano e rabanete; abóbora, melancia, melão, pepino; ervilha, feijão rasteiro e de trepar, lentilha.

Plantar: — alface, acelga; cebolo, poro; batata, beterraba, espargos (garras), morangueiro; hortelã, oca e mangerona; couves diversas (de Bruxelas, galega ou versa, portuguesa, couvão, repolhos); pimentão e tomateiro; e aplicar-lhes, logo que estejam pegadas, nitrato em cobertura, para recuperarem o atraso devido à transplantação.

Sachar, mondar e regar de manhã as sementeiras e plantações dos meses ante-

riores, dedicando aos alfobres cuidados especiais.

Mondar as sementeiras que se apresentam muito bastas.

Cuidar dos morangueiros, livrando-os de ervas ruins, cortando-lhes os braços e adubando-os conforme convir.

Amontoar espargos.

Defender dos insectos daninhos, especialmente lagartas e lesmas, pela aplicação de caldas ou iscas fluosilicatadas, compostos que tenham por base insecticida apropriado ou com qualquer dos bons produtos que o mercado oferece.

NAS ADEGAS

Continuar a trasfega se ainda não está completa, e o engarramento dos vinhos e das aguardentes, em tempo seco e sossegado, isto é, nas condições de ambiente, tantas vezes indicadas nestas páginas.

Ventilar intensamente sobretudo se o tempo decorrer húmido para evitar o aparecimento dos mofos que são dos maiores inimigos das adegas.

Vedar as fugas de vinho, ainda que pequenas, porque atraem os mosquitos, os grandes propagadores da azedia.

NOS CELEIROS

Revistar os cereais e legumes, padê-já-los e arejá-los, abrindo os celeiros só de dia, pois os insectos incomodam-se com a luz.

Aplicar produtos dos muitos que há hoje no mercado, no caso de aparecerem alguma ou algumas das pragas dos celeiros ou até como simples medida preventiva, que é sempre útil e não dispendiosa.

NO AVIÁRIO

As instalações devem manter-se perfeitamente limpas. Durante o dia serão arejadas e iluminadas. Todas as semanas ou todas as quinzenas, desinfectam-se, ou caiam-se sendo possível.

Redobram-se os cuidados tanto com as adultas como com as crias. A inspecção será frequente sobre a existência de parasitas. Para evitar o aparecimento ou a propagação do piolho, estar-se-á prevenido com pós insecticidas, que aos montes se encontram no mercado e com que se conseguem bons resultados.

Galinhas

Incubação — Continua, porque a época é ainda muito favorável; aproveitam-se todas as fêmeas que acusem choquice, e, na sua falta, ou em complemento, recorre-se à chocadeira, que, bem regulada, é certa.

Pintos — Os obtidos em chocadeiras, atingidos dois meses, habitua-se gradualmente a passar sem calor artificial a não ser de noite.

Alimentação — A partir das três semanas dá-se uma mistura seca, preparada com os alimentos já referidos, completada com verduras picadas; e, além das 5 a 6 semanas, adoptam-se já as papas. Os cereais germinados, especialmente a aveia, são valiosos. A farinha de ostras ou a casca de ovos moída não deve faltar, assim como umas pitadas de carvão em pó.

NO APIÁRIO

Na maior parte das regiões melíferas do País, é em Abril, quando o ano corre normalmente, que se faz a colheita prin-

cipal o que este ano dada a excepcional invernia por certo se não verificará.

Em todas essas regiões estão indicados todos os trabalhos mais importantes do apiário: a colocação dos melários, os desdobramentos, as passagens de colmeias fixas para colmeias móveis, todas as manobras para repressão da enxameagem e fortalecimento das colónias fracas, criação e substituição de mestras, etc.

Sobre a colocação de melários deve-se atender a que só sejam dados às colmeias que os reclamem e não demorar um momento sequer a sua entrega àquelas que deles precisem.

Para se regularem e orientarem nesses serviços, as pessoas pouco experientes, devem reparar: se todos os quadros do corpo da colmeia estão ocupados com criação, pólen e mel; se as abelhas começam a alongar as células junto às travessas cimeiras dos quadros centrais, com cera nova e branca, e a depositá-la mesmo ao longo daquelas travessas; se, finalmente, ao levantar a tampa que cobre os quadros ela vem literalmente coberta de *gado*.

Este último facto ou sinal, é dos mais importantes; mas para se avaliar todo o seu alto valor e significação, é necessário fazer o exame ao cair da tarde.

Na colocação da segunda ou terceira ordem de melários, o apicultor tem de guiar-se pelo estado e desenvolvimento da colheita e assim os colocará em cima ou os meterá por baixo dos existentes, conforme a colheita vai muito ou pouco adiantada. Para quem deseja aumentar o número das suas colmeias, a ocasião é excelente para proceder aos desdobramentos desejados.

Estas, e de resto todas as outras manobras de multiplicação, têm a sua hora, propicia por excelência, no início da colheita principal.

Se nem todas as colónias atingiram ainda o seu completo desenvolvimento, a multiplicação pode, contudo, operar-se, em vez da simples divisão de uma colmeia em duas, pelo concurso de duas e até de três, das quais, uma fornecerá os

Propagar e difundir a GAZETA DAS ALDEIAS, concorrendo para o aumento da sua assinatura, é um dever que se impõe aos que da Terra e para a Terra vivem

quadros com criação e a outra as abelhas, que dela hão-de cuidar. Todos os variados processos de desdobramento são, pois, aconselháveis. É igualmente aconselhável o fortalecimento das colónias de desenvolvimento retardado.

A estas poderá dar-se, de quando em quando, um quadro com criação que principia a emergir. Mesmo que não se reforcem por este processo, é necessário alargar-lhes o espaço a pouco e pouco pela introdução, por cada vez, de um quadro de favo completo e, na falta deste, de algum guarnecido com lâmina inteira de cera moldada.

Um dos acidentes que mais canseiras e preocupações causam é a enxameagem natural.

Os processos de o reprimir são variadíssimos, como se sabe e a todos se pode recorrer, escolhendo este ou aquele, conforme as circunstâncias indicarem.

Um dos mais práticos é o que os norte-americanos denominam processo de Demaree e que foi depois modificado por Fowls.

Várias vezes descrito nestas páginas a ele facilmente podem ater-se os apicultores.

Uma das causas que mais frequentemente origina a enxameagem nas colmeias móveis de grandes dimensões, vem a ser a falta de vigilância, que consiste em revistar com regularidade todos os quadros do ninho de criação. Esta revista é obrigatória uma vez por semana, para todas as colmeias de cujas intenções se desconfie, e nunca por nunca se deve deixar de fazer no próprio dia em que se colocam os melários.

Encontrando-se nessa ocasião células de mestra com ovos ou larvas muito recentes, é forçoso destruí-las todas antes

de sobrepor os melários e levantar do estrado o corpo da colmeia introduzindo, entre os dois, calços com a altura de um a dois centímetros.

Ninguém se fie em que os melários de per si bastem para fazer desistir as abelhas dos seus propósitos.

Além da circulação fácil do ar dentro da colmeia, é necessário que esta esteja defendida da acção directa dos raios solares. Cubra-se com qualquer coisa e de qualquer forma para que lhe não falte sombra durante o dia inteiro ou pelo menos nas horas de maior calor. Se na visita do dia da distribuição dos melários se encontra alguma colmeia com casas de mestra numerosas, contendo já larvas com mais de um dia de idade, é indispensável tratá-la de um modo especial. Nesse caso está particularmente indicado o processo Damaree-Fowls. Bem executado, quase sempre dá o resultado desejado; se, porém, falha, é mister pensar-se na

forma de recolher o enxame primário e de evitar a enxamagem secundária.

Essas operações, muitas vezes, têm sido expostas em todos os seus detalhes nas colunas da *Gazeta*.

O transvasamento das colmeias fixas para as colmeias móveis, que pode ter lugar também em Março e Maio, conforme a precocidade ou o atraso próprios da localidade e da estação, é neste mês que, na maioria dos casos, se devem efectuar.

O processo de transvasamento por sobreposição é um dos que melhores resultados dá, sendo ao mesmo tempo de execução facilima.

O transvasamento directo exige mais competência para ser bem sucedido e mesmo para quem sabe, algumas perdas de criação são inevitáveis.

Finalmente, em Abril pode iniciar-se a criação de mestras embora a ocasião mais própria seja em Maio.

Árvores e madeiras de Portugal

(Conclusão da pág. n.º 247)

mico. Ele contribui, de maneira decisiva, para o equilíbrio da exploração agrária de grande parte do Nordeste do País, mais concretamente, da Terra-Fria transmontana e beirã.

Reduzida é certo a sua área cultural a pouco mais de 60 000 ha, mas existindo no território metropolitano cerca 250 000 ha com características ecológicas próprias para tal, poderá, na verdade, o Castanheiro valorizar ainda extensas regiões, na maior parte de baixa rentabilidade, melhorando assim o nível económico-social dos povos interessados.

No tocante apenas às madeiras, as indústrias nacionais podem, nos próximos anos, consumir toda a produção, uma vez que é notória a dificuldade de abastecimento de madeira de primeira qualidade para certos empregos. Por

outro lado, novas unidades virão, naturalmente, a montar-se desde que a possibilidade dos povoamentos o justifique. Sem optimismos exagerados, o que se disse pode, efectivamente, constituir poderoso incentivo para que os proprietários de terrenos com aptidão florestal dediquem à arborização com o Castanheiro dia a dia maior interesse. Não lhes faltará, decerto, o apoio e a assistência técnica das entidades oficiais para que possam abastecer-se normalmente de árvores dotadas de satisfatória resistência ao ataque do seu maior flagelo, de sorte que os novos povoamentos, ao contrário do que possa recear-se, não sejam causa de ruína dos seus proprietários.

Não é demais afirmar que o Castanheiro é, de facto, uma das espécies aclimatadas no País que mais podem contribuir para a resolução do problema económico-agrário de vastas regiões. Colaborar na expansão da sua cultura é, positivamente, prestar um alto serviço à Nação.

Uma Herdade no Estado de Wisconsin

Por MIGUEL EUGÉNIO G. DE MELO E MOTA
Eng. Agrónomo

O meu trabalho durante os meses que passei no Instituto de Agronomia da Universidade de Wisconsin, em Madison, nos Estados Unidos, foi inteiramente de laboratório — agarrado à rabiça do microscópio, na expressão já clássica mas de grande sabor poético. No entanto, ainda pude, em certas ocasiões, ir até ao campo e assistir ou participar em algumas actividades, como os «Dias do Progresso Agrícola», a «Semana dos Clubes dos 4-H» e a «Reunião Anual dos Agricultores Aviadores do Estado de Wisconsin».

Qualquer dessas ocasiões me permitiu observar diversos aspectos da Agricultura no Estado de Wisconsin. Atravessando, de automóvel, na direcção NW, de Madison, a Menomonie, numa distância de mais de 300 km, na companhia dum engenheiro agrónomo, professor de Agricultura Geral e, voando num pequeno avião de quatro lugares, de Madison a Elkhart Lake, na companhia dum dos Agricultores Aviadores, fiquei com um razoável conhecimento do aspecto geral da agricultura dessa região dos Estados Unidos. Mas apenas uma vez — e um pouco de fugida — pude visitar uma herdade típica e conversar em detalhe com o seu proprietário.

Não é possível comparar sem muitas restrições a agricultura de dois pontos da terra distantes, não só no espaço mas, também nos métodos e nas condições naturais. Por essa razão, o que se refere neste artigo não pode ser comparado directamente com a agricultura portuguesa e faço esta prevenção ao leitor

para evitar que se pense que os números que adiante indico possam ser transpostos para qualquer ponto de Portugal, Minho, Beira, Alentejo ou Algarve. Tem, no entanto, muito interesse para os agricultores, especialmente num país como o nosso, em que a agricultura, velha de mais de 8 séculos, tanto tem que aprender, saber como é a agricultura de zonas diferentes. Se ela não pode ser copiada para as nossas condições, dá-nos, porém, muitos ensinamentos e indica-nos determinados limites que ficamos a saber ser possível atingir.

O sr. Ted Grunett, de setenta anos de idade rijo e robusto, nasceu na Dinamarca e veio para os Estados Unidos ainda jovem, há cerca de 50 anos. É hoje o dono duma herdade de pouco mais de 200 hectares em Brooklyn (no concelho de Green, Estado de Wisconsin, não o subúrbio de New York) que cultiva juntamente com seu filho e nora, apenas com pequeno auxílio de trabalhadores assalariados, que normalmente não vão além de 50 jornas homem por ano.

Aqui se apresenta o primeiro contraste com a nossa agricultura: uma herdade de 200 hectares trabalhada quase exclusivamente por três pessoas, incluindo uma mulher. Evidentemente que tal facto só é possível com um elevado grau de mecanização.

Wisconsin é o Estado americano em que a agricultura se dedica essencialmente aos laticínios. Como propriedade típica do Wisconsin, a herdade do sr. Grunett vive essencialmente de e para

o gado leiteiro, possuindo 80 vacas holandesas. Tem, também, 20 novilhos Black Angus para talho.

Estes números reforçam a ideia de que a mecanização tem que ser levada a um grau extremo, pois 80 cabeças de gado leiteiro exigem muito trabalho — o silo que é preciso encher e descarregar, alimentação, mungição, carroto de estrumes, etc., — além, pròpriamente, do cultivo das terras.

O investimento em maquinaria, é, actualmente, da ordem dos 1400 contos

normalmente a 30\$00 a hora e nelas gastam por ano cerca de 12 000\$00.

A principal receita é o leite, que dá cerca de 500 a 600 contos por ano. Da venda de novilhos para talho obtêm cerca de 90 contos e outro tanto da venda de 15 a 20 vitelos. Os produtos cultivados são, na quase totalidade, consumidos na propriedade, na alimentação do gado.

O trabalho é duro e continuo, mas a família vive bem, possuindo uma excelente casa e um bom automóvel. Muitas outras famílias como esta constituem a



Vista aérea duma zona agrícola no Wisconsin

(Foto do Autor)

e inclui três tractores, dois atrelados, uma ceifeira debulhadora, um colhedor de milho, uma ensiladeira, uma máquina para descarregar do silo, diariamente, a quantidade de silagem que se deseje — máquina que eu nunca vi em Portugal — e variadas outras peças de equipamento. Com esta maquinaria ainda, às vezes, os membros da família Grunett trabalham em herdades de vizinhos, especialmente com a ceifeira debulhadora e a ensiladeira, à razão de 250 a 300\$00 por hora, fazendo nesse trabalho cerca de 30 a 40 contos por ano.

As jornas dos assalariados são pagas

maioria da população agrícola do Estado de Wisconsin.

Como já preveni, os números apresentados para este caso típico não são aplicáveis em Portugal. Mas há que notar o facto de que a agricultura dos Estados Unidos não foi sempre como é hoje e estes valores também não teriam significado há cinquenta ou mesmo vinte anos. Apesar duma crise de superprodução — que os Estados Unidos, no entanto, sabem resolver de forma a continuar com uma agricultura saudável — nem por um momento abrandam os esforços dos servi-

(Conclui na pág. 275)

A TÉCNICA

ao Serviço da Lavoura

Por

COLUMBANO TAVEIRA FERNANDES

Eng. Silvicultor

(Continuação do n.º 2487 pág. 68)

COMO frisámos nas considerações apresentadas anteriormente é possível já neste momento dispor-se no Centro de Estudos do Castanheiro de um número considerável de castanheiros resistentes, material que nos proporcionará num futuro não muito distante fornecer à lavoura do País meios mais seguros para valorizar as suas terras com o castanheiro.

No entanto e para que a percentagem de fracassos se reduzam ao mínimo torna-se necessário resolver ainda muitos problemas de reajustamento sem as quais poderíamos limitar muito a acção dos Serviços deste Centro de Estudos sobretudo no que se refere à cultura do castanheiro para a produção de fruto.

Na verdade, se é certo que todos os castanheiros resistentes que possuímos e aqueles que venhamos a obter mostram qualidades de resistência aos parasitas da «doença da tinta» isolados em Portugal não o é menos de que os mesmos terão de ser submetidos a ensaios diversos para que todos os factores que possam influir no êxito das futuras plantações sejam controlados nas condições mais diversas e em regiões com características agro-climáticas diferentes.

Não podemos de maneira alguma pensar de que um castanheiro, nacional, híbrido ou exótico, só porque resistiu à

infecção artificial ou natural se ache apto a solucionar o problema da expansão da cultura do castanheiro nas zonas do País infectadas pelo mal da «tinta». É na verdade uma condição necessária mas não suficiente porquanto a resistência depende de muitos e variados factores.

Pode suceder até que o castanheiro que se mostrou resistente num determinado local venha a sofrer diminuição daquele carácter ou mesmo não apresentar quase resistência alguma numa outra região quer por falta de adaptação ao meio, quer por condições diversas de cultura e ainda porque novas raças de fungos surgiram.

De facto, uma falta de adaptação ou uma deficiência de tratamento cultural pode diminuir a característica de resistência dos castanheiros e até provocar uma degenerescência sempre de temer. Além disso o aparecimento de uma nova raça de fungos mais virulenta do que aqueles ensaiados e uma modificação da actividade destas, podem também provocar desgastes consideráveis nas futuras plantações de plantas resistentes à «doença da tinta».

É certo que nestes últimos casos, possível de se verificarem, nenhum dos ensaios experimentais realizados ou a realizar, por mais eficientes, poderão ser responsabilizados por um fracasso; porém,

estamos certos de que além de serem de probabilidade reduzida, se não pretende atingir uma perfeição. Esta julgamos quase impossível em tudo quanto o homem procura resolver.

Se conseguirmos, como esperamos, passar da situação actual, em que a maioria dos castanheiros sucumbem ao mal, para uma futura posição da qual resulte uma probabilidade mínima de fracassos parece-nos que será alcançado um grande êxito. Este no entanto terá que ser obtido tanto em relação a castanheiros para a produção de fruto, como para produzir madeira.

Das considerações expostas julgamos poder afirmar, como já mais de uma vez o temos feito quão difícil é em poucos anos satisfazer os desejos da lavoura que afinal são também os nossos.

Mas, tarde é o que nunca vem e neste caso do castanheiro parece-nos que se aproxima uma era nova para a lavoura desde que ao Centro de Estudos do Castanheiro sejam dadas as facilidades neces-

ísticas quanto à sua utilização futura continuam em ritmo sempre crescente muito embora se lute com falta de pes-



Fig. 1 — O vigor vegetativo destes castanheiros resistentes à «doença da tinta» é um incentivo para os que investigam e uma esperança para a lavoura Nacional.

Parcelas de estudo de castanheiros resistentes

Concelhos ou regiões	Locais de instalação	N.º de parcelas	Cast. em estudo
Vila N. de Paiva	Vale de Cavalos	1	89
Portalegre	S. Julião	1	25
»	Cantarinhos	1	25
Marvão	Galegos	1	25
Castelo de Vide	Amieira	1	25
Chaves	Sanjurge	1	147
Murça	Sudreiro	1	30
Bragança	Cerdeira	1	84
Ilha da Madeira	Jardim da Serra	1	100
Total . . .			550

sárias e suficientes para prosseguirmos os nossos estudos.

A produção de castanheiros resistentes e os estudos tendentes a um conhecimento mais profundo das suas caracte-

soal e meios materiais. São já em número apreciável as parcelas de estudo constituídas no Continente e Ilha da Madeira e bem assim a quantidade de plantas em ensaio como se pode verificar no quadro anterior.

A maioria dos castanheiros que, como dissemos, se encontram em terrenos fortemente infectados, destinam-se a ser multiplicados vegetativamente e os restantes a servir de pés mães para cruzamentos de retorno.

Os êxitos alcançados têm sido dos melhores pois há castanheiros plantados há mais de 8 anos vegetando admiravelmente (Fig. 1), em terrenos onde as plantas de *C. sativa* Mill. provenientes de castanha efectuada no mesmo local e na altura da plantação, sucumbiram alguns anos depois.

Sucedem até que muitos dos individuos se apresentam com um vigor excepcional não só vegetativamente mas ainda quanto à produção de fruto. Duas frutificações anuais são frequentes embora a segunda produza frutos mais pequenos e casos há em que se verifica a formação de 3 camadas de flores masculinas.

A castanha de alguns deles, que pode

(Continua na pág. 278)

A moderna agricultura Britânica

O emigrante inglês, que tenha saído da sua terra antes da II Guerra Mundial e regresse agora à sua aldeia, já não consegue reconhecer a paisagem.

Há trinta anos, o campo era o triste reflexo do estado da agricultura inglesa. Casas em ruínas, ervas daninhas, poços abandonados, moinhos silenciosos, os mercados pobremente abastecidos.

Hoje em dia, muito pelo contrário, o campo atesta eloquentemente o estado duma agricultura próspera, vigorosa e eficiente, talvez apreensiva com o futuro, mas sem desânimo.

Os cavalos desapareceram

Há hoje mais cabeças de gado do que há 25 anos. Em vão se procurariam os cavalos da raça Shire, com as suas patas peludas, os enormes Suffolk, os Percherons, de linhas características. Os animais foram substituídos pelos tractores e, hoje em dia, os cavalos utilizam-se para a caça ou nas escolas de equitação.

Já não se vêem galinhas à solta, como antigamente, mas instaladas em compridos edifícios sem janelas, dentro dos quais, a uma temperatura ideal, com iluminação eléctrica e abastecidas de água por processos mecânicos, a postura se processa em condições muito melhores.

Os edifícios são novos, os pátios construídos em cimento em lugar da lama que antigamente os caracterizava e existem grandes silos para a armazenagem de cereais, moinhos, separadores, etc., que, além de necessários dão ainda trabalho a muitos braços, nas firmas que os constroem e fábricas. As residências são modernas e as estradas que atravessam os campos dispõem de pisos regulares e em bom estado.

Muda o aspecto dos campos

O aspecto dos campos mudou também. Limpam-se os poços, apararam-se as

sebes, construíram-se condutas de água que transportam o precioso líquido através das terras e utilizam-se modernos métodos de rega por aspersão, nas plantações de batatas, beterrabas, etc.. Máquinas modernas colhem o milho, separam-no e amarram os fardos de palha. Estes fardos são rectangulares e compactos, amarrados com arame e, muitas vezes, «forrados» de polieteno. Como vão longe os tempos das máquinas antigas e fumegantes!

Florestas e pomares

Novas florestas crescem nos campos e a madeira é já um factor revigorante para a indústria. Nalgumas regiões, estas novas florestas modificaram radicalmente o aspecto dos campos. Pomares de macieiras, pereiras e cerejeiras foram plantados ainda na época em que as pessoas bem se lembravam da escassez completa de frutas frescas durante a II Guerra Mundial. As flores dessas árvores e dos arbustos nos jardins de milhares de casas novas, enchem o ar dum perfume fresco e atraente que não se conhecia 25 anos atrás.

Acima de tudo, o viajante não poderá deixar de notar que nos campos existe uma grande força de vontade, e muito maior movimento de pessoas e de coisas. O facto de toda esta actividade, que resulta em grande parte do uso, em maior escala, de motores de combustão interna ser ou não boa, pode ser discutível, mas é sem dúvida um sintoma de vigor.

Os tractores movem-se no campo a grande velocidade. O gado já não caminha para o mercado, assustado e levantando nuvens de poeira: viaja cómodamente em enormes camiões de dois andares, cujo funcionamento e manutenção sustentam uma das mais modernas indústrias rurais. Não se vêem parselhas de cavalos arrastando troncos de árvores, abatidas a lentos e cansativos golpes de

(Conclui na pág. 278)

Objectivos e interesse nacional de uma profissão

Pelo Prof. C. M. BAETA NEVES
Engenheiro Silvicultor

O número reduzíssimo de alunos matriculados no curso de Engenheiro Silvicultor, do Instituto Superior de Agronomia (Lisboa), parece querer significar, acima de tudo, a ignorância de um grande número de pessoas sobre o que é e para que serve tal curso.

É certo que os alunos matriculados nos dois primeiros anos comuns com o curso de Engenheiro Agrónomo, do mesmo Instituto, antes da opção, a que são obrigados, entre os dois cursos, na altura em que têm de se decidir já sabem pelo menos da existência do primeiro, embora possam também ignorar a seu respeito quanto seria indispensável para justificarem a escolha feita, a qual, na maior parte dos casos é a favor do último.

Deste desconhecimento tão generalizado, e até onde era natural que não existisse, dentro do próprio Instituto, resulta a pequena frequência do curso de Engenheiro Silvicultor e, conseqüentemente, o modestíssimo número dos que se formam em cada ano, como aconteceu nos três últimos (5, 2, 4).

Mas se para a ignorância do público encontro justificação satisfatória, não só no seu baixo nível cultural médio como no pequeno número diplomados com tal curso, em relação aos alunos que frequentam os dois primeiros anos de Agronomia (sentido lato) não é fácil descobrir explicação capaz. Existe neste caso um problema, no sentido da orientação seguida no ensino das cadeiras comuns, ou da natureza destas, que importa resol-

ver, de molde a tentar-se reduzir o actual e inconveniente desequilíbrio entre o número de alunos que se matriculam no 3.º ano em Silvicultura e em Agronomia (sentido estricto) mas que não chega para justificar tal disparidade.

Entretanto, nomeadamente em relação aos leitores da *Gazeta*, entre os quais admito haver muitos que também ignorem o que caracteriza a vida profissional de um Engenheiro Silvicultor, julgo ter alguma utilidade prestar sobre ela uns tantos esclarecimentos fundamentais, capazes de criarem uma corrente de entusiasmo em favor da matrícula em Silvicultura de quantos estejam, ou possam vir a estar, em condições de optarem pelo curso respectivo.

Para simplificar eu podia remeter o leitor para a obra do Prof. Shirley «*Forestry and Its Career Opportunities*», publicada na «*The American Forestry Series*», de McGraw — Hill Book Company, Inc., cuja primeira e única edição data de 1952. O livro está um pouco desactualizado em números, mas quanto a doutrina está perfeitamente actual, podendo assim ainda ser lido com muito proveito.

Para mim tem tido o maior interesse a sua consulta; ali encontrei a confirmação de muitas das minhas ideias e a base seguida para algumas das afirmações que ao longo deste artigo irei fazer.

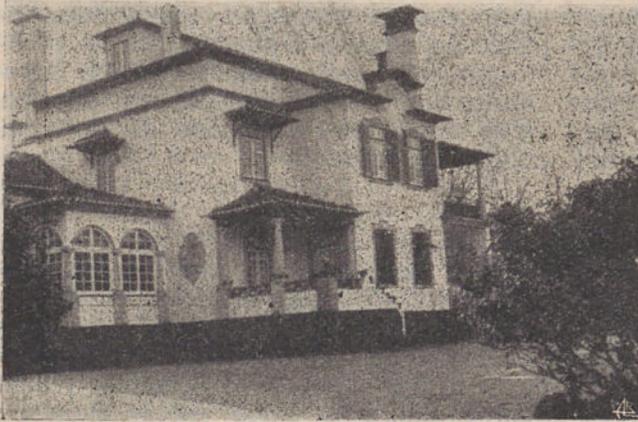
É certo que o meio norte-americano é um tanto diferente do europeu, em mui-



Áreas, a perder de vista, para cobrir de

tos aspectos do ambiente natural, humano, social e universitário, relacionados com as características da profissão florestal e da sua actividade, mas não tanto que possa prejudicar a segurança dessa base no sentido da generalização ao caso português das ideias fundamentais apresentadas pelo Prof. Shirley.

Destina-se o curso de Engenheiro Sil-



Residência (r/c) do Engenheiro Silvicultor, Administrador Florestal de Amarante

vicultor a preparar os técnicos universitários que terão a seu cargo a tarefa de orientar a exploração e defesa das riquezas naturais, tanto de natureza vegetal como animal, constituídas pelas florestas, pastagens naturais e águas interiores, ou nelas existentes.

Compete-lhes ainda, em igual pé de responsabilidade e interesse, conforme as circunstâncias, a conservação do solo e da água, a criação de florestas ou de pastagens, e a de animais de interesse pecuário, cinegético ou aquícola, nas áreas destinadas à exploração silvo-pastoril no primeiro caso, e em locais natural ou artificialmente apropriados para tal fim, nos dois últimos.

É por último, entre as tarefas principais a que se dedicam os Engenheiros Silvicultores, cabe tudo quanto diz respeito ao aproveitamento tecnológico dos produtos florestais obtidos como resultado da exploração das florestas, de origem natural ou artificial, ou seja dirigir as indústrias que utilizam esses produtos como matéria prima.

Está ainda no âmbito da actividade profissional respectiva o aproveitamento das áreas florestais para fins recreativos e culturais, tirando o maior partido para tais fins dos aspectos naturais existentes nas áreas consideradas, não só da vida vegetal e animal mas também da própria paisagem.



Matas em exploraç



pastagem e de arvoredo (Serra da Estrela)

Em relação a este último aspecto, no caso particular dos locais onde domine o aspecto selvagem, pode ainda o leitor encontrar informação mais pormenorizada no livro do Prof. Brockman «*Recreational use of wild lands*», publicado em 1959, na mesma série.

Para bem definir a profissão de Engenheiro Silvicultor, no que diz respeito a certos aspectos fundamentais à sua ética, o Prof. Shirley afirma (pp. 352) que florestal tem de contar com outras compensações para a sua vida profissional além do dinheiro, entre as quais: «*First of all is the privilege of working with living things, with trees, with wildlife, and with people*» («O primeiro de todos é o privilégio de trabalhar com coisas vivas, com árvores, com a vida selvagem e com pessoas»).

Poderia parecer à primeira vista bem pouco para quem avalie o interesse das diferentes profissões pelos proventos que oferecem, como é uso fazer-se, mas é ao contrário muitíssimo, quando se sabe apreciar o prazer da satisfação íntima que resulta do ambiente natural

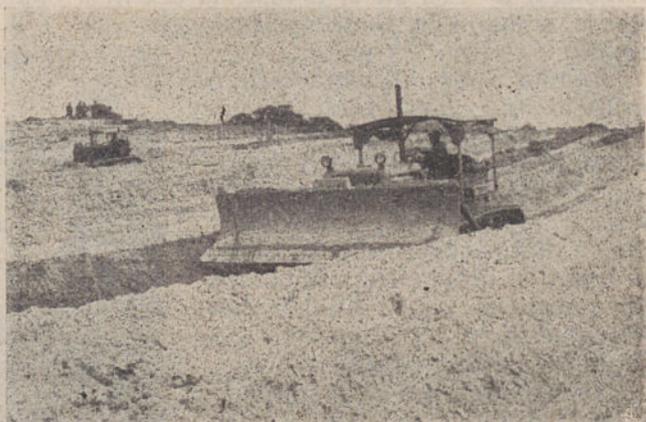
em que tal profissão se exerce e o valor da finalidade social que a sua actividade visa alcançar.

..

Entre nós, durante muito tempo, os raros Engenheiros Silvicultores que se formavam destinavam-se aos Serviços



ção (Serra do Marão)

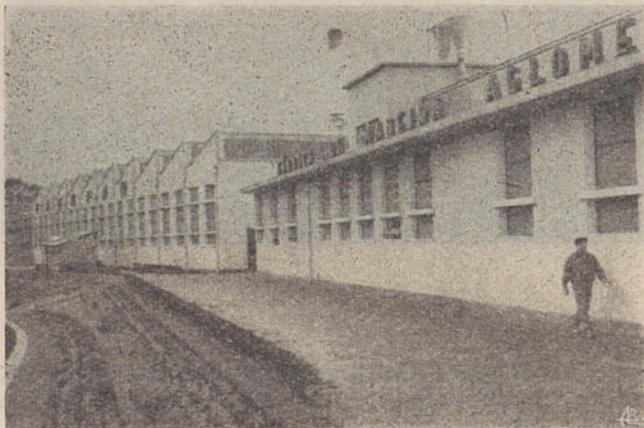


Estradas a abrir (Sr.ª da Vitória, Circunscrição Florestal da Marinha Grande)

Florestais do Estado, onde iam exercer as suas funções nas diversas modalidades da tarefa, essencialmente administrativa, que lhes cabia.

A pouco a pouco a profissão foi aumentando em número e em âmbito de actividade, e hoje, além dos que fazem

parte desses Serviços, cuja complexidade organização e amplitude de trabalhos aumentou imenso nos últimos 20 anos, muitos outros encontram-se dispersos por outros Serviços oficiais, pelo Ensino Super-



Indústrias florestais a montar (Fábrica de madeira aglomerada, «Tabopan», de Amarante)

rior Florestal (Instituto Superior de Agronomia), Organismos Cooperativos ou de Coordenação Económica, Institutos de Investigação Científica, indústrias e empresas comerciais, tanto na Metrópole como no Ultramar.

Apenas, e esse é o gravíssimo problema, o número total dos florestais diplomados com curso superior, exercendo as suas funções, sem ser particularmente, está muitíssimo aquém das necessidades não só dos Serviços oficiais, como de todas as entidades particulares cuja natureza exige a colaboração activa e directa de um ou mais Engenheiros Silvicultores.

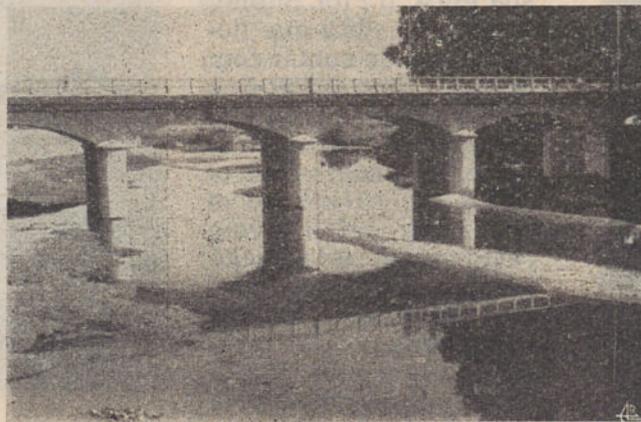
Na América, em 1950, segundo o Prof. Shirley, existiam 13 000, em comparação com 12 000 Engenheiros Químicos, 22 000 Arquitectos e 200 000 Médicos e Cirurgiões.

Actualmente não sei quantos são, mas a verdade é que em 1900 havia apenas 11; de então para cá o aumento do seu número tem sido extraordinário, de acordo não só com as solicitações de todas as entidades, oficiais e particulares, interessadas, mas também com as neces-

sidades do País, para os quais as florestas representam um papel da maior importância em relação à Economia e Fomento.

Em Portugal os primeiros Engenheiros Silvicultores foram Bernardino Barros Gomes, formado na Alemanha em 1862, e João Maria Magalhães, formado em Nancy no mesmo ano (?); dois anos depois fundou-se entre nós o Ensino Superior Florestal, e desse ano até agora formaram-se cerca de duas centenas e meia, de que a maior parte corresponde aos últimos 20 anos, estando assim a grande maioria em actividade profissional.

Simplesmente, como disse de princípio, o número de formaturas têm vindo a diminuir ultimamente, em inteiro desacordo tanto com a tendência geral notada em quase todos os países onde esse Ensino Superior existe, como com os interesses nacionais, nomeadamente com consequência do rápido aumento da área arborizada, a caminho dos 70% da área do País, e da necessidade premente da montagem de um grande número de unidades fabris, que dêem



Rios a defendêr da erosão e da poluição, e a repovoar de peixes (Rio Águeda)

melhor aproveitamento às matérias primas florestais, cuja abundância irá sendo cada vez maior.

Perante as realidades actuais e as perspectivas de Portugal vir a ser, como as condições mesológicas o impõem, um

País essencialmente florestal, poucas profissões terão entre nós um futuro mais optimista e auspicioso, razão porque só à ignorância da sua existência e características próprias se pode atribuir um tão modesto número de alunos matriculados em Silvicultura no Instituto Superior de Agronomia.

Quando se pensa, por exemplo, que em Moçambique, onde os problemas florestais têm sobre todos os seus variados aspectos a maior importância, apenas trabalha uma meia dúzia de Engenheiros Silvicultores!...

Quando se sabe que os Serviços Florestais da Metrópole, têm tido ultimamente dificuldades, por falta de pessoal técnico superior, para preencher os lugares de Administradores Florestais!...

Conclui-se que nem para o essencial existe um número mínimo suficiente.

Só o que eu não compreendo é que as entidades oficiais mais directamente interessadas na resolução de um tão grave problema nacional não tomem, com a urgência e profundidade que as circunstâncias exigem, as medidas mais convenientes para, no mais curto prazo de tempo, se alcançar a solução mais oportuna e adequada.

Ignorar não o ignoram, porque eu me tenho encarregado de lhes levar ao conhecimento directo os elementos informativos necessários.

Aguardemos com... impaciência, porque de outra forma não pode ser ao cabo de tantos anos de espera e expectativa!

Fotografias do Autor

Ensinamentos e conselhos úteis

Designam-se pelo nome de adubos todas as matérias orgânicas ou minerais que contêm os elementos fertilizantes utilizáveis pelas plantas.

Os adubos classificam-se em naturais e em químicos, também chamados industriais ou comerciais.

Estes contêm os elementos fertilizantes no estado concentrado e são, muitas vezes, rapidamente assimiláveis pelas plantas, tendo uma acção complementar da exercida pelos adubos naturais insubstituíveis.

Senhor agricultor: para que as suas terras possam produzir nas melhores condições, é preciso estar atento ao respectivo teor de fertilidade. Olhe que saber gastar dinheiro a tempo é uma regra de boa economia! Não se esqueça disto.

*

Cada planta possui um sistema radicular especial que se desenvolve sempre na mesma camada de terra. Assim, os cereais, as plantas sachadas, a luzerna,

etc., fazem penetrar as suas raízes a profundidades diversas, aproveitando os elementos fertilizantes existentes nas diversas camadas constitutivas do solo e evitando o natural e rápido esgotamento que adviria para uma terra, se fosse sempre ocupada por uma mesma planta.

Por isso, a rotação das culturas é prática absolutamente recomendável, sendo de aconselhar que a uma planta com raízes superficiais se siga uma outra com raízes profundas, que a uma cultura esgotante se siga uma outra melhoradora, enfim, que se tenha em vista impedir a fadiga do solo.

*

Um solo sem água, ou contendo apenas este elemento em quantidade insuficiente, não pode deixar de trazer à vegetação que suporta, como é lógico, alterações mais ou menos profundas, que podem traduzir-se em murchidão e ocasionar mesmo a morte das plantas. A água em excesso é, também, bastante prejudicial, dado que impede a circulação do ar indispensável à respiração.

Portanto, o senhor agricultor deve estar atento e proporcionar às plantas que cultiva aquela quantidade de água de que as mesmas carecem.

VIDEIRAS PORTA-ENXERTOS

DESCRIÇÃO MORFOLÓGICA DAS VIDEIRAS PORTA-ENXERTOS

Por ALFREDO BAPTISTA
Eng. Agrônomo

(Continuação do n.º 2489 pág. 152)

17-37

Berlandieri × Rupestris 17-37

página superior tearaneo-cotanhosa e a inferior tearaneo-cotanhosa apenas nas nervuras principais e secundárias.

DE MILLARDET E DE GRASSET

1 — Pâmpanos

Abrolhamento: nitidamente acarninado, cotanhoso.

Estípulas: com cerca de 3 mm de comprimento.

Entrenós: intensamente vinosos do lado da luz, cotanhosos nos entrenós superiores e nitidamente tearaneos nos inferiores, costado-estriados.

FOLHAS NOVAS

Coloração: acobreadas em ambas as páginas, nas folhas mais novas, tornando-se rapidamente verdes, com as nervuras esbranquiçadas, nas folhas mais velhas.

Recorte principal: inteiras ou sub-trilobadas.

Recorte marginal: lobos denticulados, os laterais com os ápices não destacados do recorte marginal.

Aurículas: geralmente pouco afastadas, de bordos internos sub-paralelos, formando seio peciolar, em U.

Limbo: sub-liso, dobrado em goteira pela nervura principal mediana, com a



R 17-37

Peciolo: avermelhado, cotanhoso ou tearaneo-cotanhoso.

2—Folhas adultas

Dimensões e forma: pequenas, tão largas como compridas, orbiculares.

Recorte principal: geralmente inteiras ou, por vezes, sub-trilobadas; as folhas, da base do pânpano rara e profundamente trilobadas.

Recorte marginal: lobos dentados, com os dentes mais largos do que compridos; lobos com os ápices não destacados do recorte marginal.

Mucrão: amarelado, medianamente desenvolvido.

Aurículas: afastadas, de bordos internos sub-paralelos, formando seio peciolar em U.

Limbo: medianamente espesso, sub-liso, dobrado em goteira pela nervura principal mediana, de bordos frequentemente involutos, com a página superior verde, brilhante, ligeiramente tearanea e a inferior mais clara, glabra, salvo as nervuras principais e secundárias que se mantêm simultaneamente tearaneas e puberulentas; nervuras principais geralmente avermelhadas em ambas as páginas.

Peciolo: vinoso, tearaneo-cotanhoso, obsoletamente costado-estriado, com caneladura nitidamente acentuada.

3—Sarmentos

Pardacento-escuros; entrenós de comprimento mediano ou curtos, de secção arredondada ou sub-arredondada; em regra, nitidamente costado-estriados; lenticulas pequenas, aproximadas; gomos pequenos, revestidos de indumento esbranquiçado.

4—Flores

Fisiologicamente masculinas. Observaram-se, todavia, raras frutificações.

5—Porte da planta

Sub-erecto.

R 57

Berlandieri Ressãoier n.º 1 × Rupes- tris Martin R 57

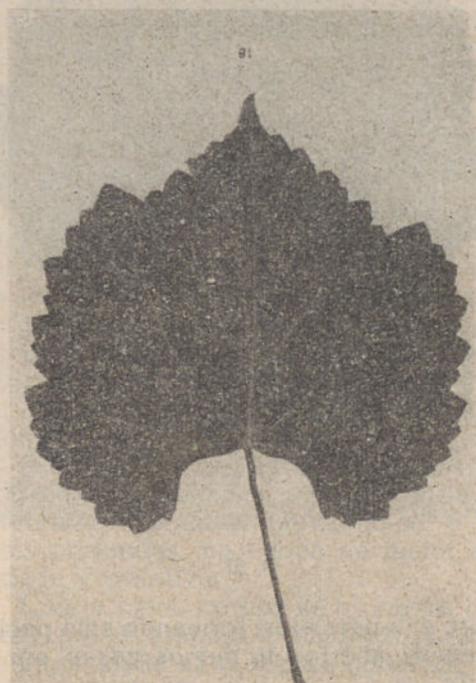
DE RICHTER

1—Pânpanos

Abrolhamento: intensamente vinoso, tearaneo, sobretudo nas nervuras das folhinhas.

Estímulas: com cerca de 3mm de comprimento.

Entrenós: intensamente vinosos do lado da luz; tearaneo-cotanhosos nos entrenós superiores e tearaneos nos infe-



R 57

riores; costado-estriados, sobretudo nos entrenós superiores.

FOLHAS NOVAS

Coloração: intensamente vinosas em ambas as páginas, nas folhas mais novas, tornando-se rapidamente verdes, com as nervuras vinosas na página superior,

junto ao ponto peciolar, nas folhas mais velhas.

Recorte principal: sub-trilobadas ou, por vezes, trilobadas.

Recorte marginal: lobos crenado-dentados.

Aurículas: geralmente bastante afastadas, com os bordos internos frequente-



R 57

mente sub-paralelos, formando seio peciolar em U aberto ou, menos vezes, em V aberto.

Limbo: ligeiramente bolhoso, com tendência a sub-liso e a dobrar-se um tanto em goteira pela nervura principal mediana, com a página superior nitidamente tearanea e a inferior apenas tearanea nas nervuras principais e secundárias, nas folhas mais novas, tornando-se respectiva e rapidamente glabrescente e glabro, com as nervuras puberulentas, nas folhas mais velhas.

Peciolo: intensamente vinoso, teara-

neo-cotanhoso nas folhas mais novas e tearaneo e celheado ao longo da caneladura nas folhas mais velhas; obsoletamente costado-estriado na região ventral e com caneladura regularmente acentuada.

2 — Folhas adultas

Dimensões e forma: pequenas, quase tão largas como compridas, cordiformes.

Recorte principal: geralmente sub-trilobadas ou trilobadas, mais raramente quinquelobadas; folhas da base do pânpano frequentemente trilobadas ou menos vezes quinquelobadas.

Recorte marginal: lobos geralmente crenados ou crenado-dentados, com os crenos e dentes mais largos do que compridos, o ápice do lobo superior com o dente mais comprido do que largo.

Mucrão: amarelado, geralmente pouco desenvolvido.

Aurículas: afastadas, de bordos internos sub-paralelos, formando seio peciolar em U aberto.

Limbo: espesso, sub-liso, geralmente um pouco dobrado em goteira pela nervura principal mediana e de bordos um tanto involutos, com a página superior verde, algo brilhante, glabra ou glabrescente e a inferior mais clara igualmente glabra ou glabrescente; nervuras principais avermelhadas em ambas as páginas.

Peciolo: vinoso, glabro, obsoletamente costado-estriado na região ventral e com caneladura regularmente acentuada.

3 — Sarmentos

Castanho-claro-pardacentos; entrenós de comprimento mediano, de secção elíptica, geralmente com duas faces planas; costado-estriados, por vezes obsoletamente; lenticulas de tamanho variável, medianamente dispersas; gomos medianos ou pequenos.

4 — Flores

Fisiologicamente femininas, em regra frutificando abundantemente.

5 — Porte da planta

Sub-erecto.

A CAVA DAS VINHAS

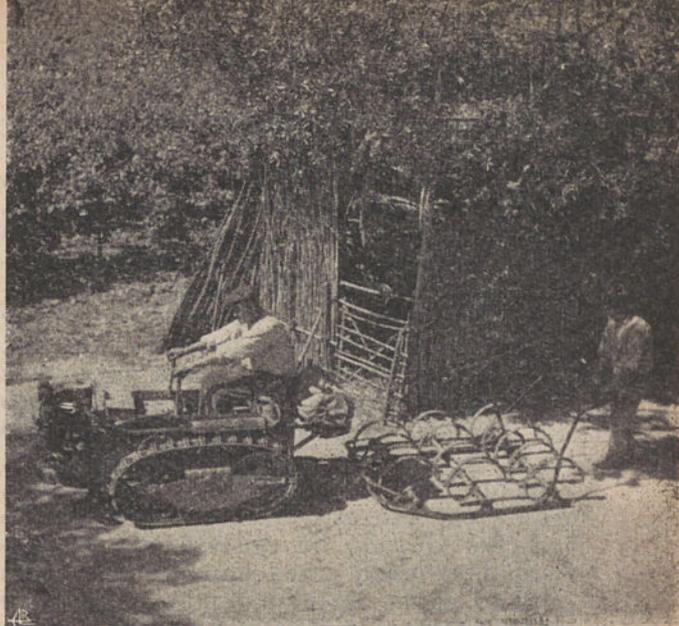
Por H. BONIFÁCIO DA SILVA
Eng. Agrónomo

MAIS uma vez chegou a época própria, em que nos é dado observar os terrenos cobertos de um verdadeiro tapete vegetal. A densa vegetação, sobre o solo dos vinhedos, é dotada de grande resistência, aliás, como as sementes que lhes transmitiram a vida.

O viticultor consciencioso no seu mister, aquele que visa obter colheitas remuneradoras, tem um caminho a seguir: a eliminação total das ervas infestantes, que absorvem uma gama apreciável de elementos fertilizantes. Além disso, mantêm o terreno húmido, provocam o desenvolvimento de doenças criptogâmicas, como o mildio e o oídio, favorecem os agentes da podridão na época da maturação, evitam o aquecimento do solo, constituem um precioso abrigo às larvas dos insectos.

Portanto, a cava das vinhas neste período, consiste na mobilização superficial dos terrenos, com a finalidade de eliminar a concorrência enorme de plantas infestantes. É este o objectivo essencial. Por meio das cavas, aumentam-se as reservas de humidade. Por um lado, elimina-se um concorrente, a vegetação espontânea, que absorve grandes volumes de água; por outro, com a mobilização da terra batida e endurecida pelas águas das chuvas, durante o Inverno, pelo pisar dos pés dos trabalhadores e dos animais, a água não escorre superficialmente, com todos os inconvenientes, e penetra lentamente nas camadas subjacentes. A água é um factor muito importante na alimentação das plantas. Em terras muito secas, a videira resente-se, porque a água não existindo, em quantidade suficiente, não penetra através das raízes, e por conseguinte, a planta não adquire o desenvolvimento desejado. A água, sendo o veículo das matérias fertilizantes destinadas às videiras, faz parte integrante dos tecidos.

Durante a maior parte do período das chuvas, o Inverno, a vegetação pode de-



sempenhar um papel muito útil, pois, serve de protecção ao solo. Oferece uma certa resistência à passagem da água das chuvas, quebra-lhe o impeto quando bate no terreno, e portanto, os efeitos nocivos, que poderiam advir, provocados pela erosão, são bem menores. Mas, decorrida essa estação anual, com a aproximação da melhoria geral do tempo, e com o rebentamento da videira, as suas necessidades aumentam, em princípios nutritivos. Não se vê motivo palpável, para se manter no solo uma vegetação tão exuberante.

As porções de terra removidas são arejadas, regulariza-se a temperatura das diferentes camadas, elevando-se a das mais profundas, na época de maior actividade vegetativa.

Com a cava, cortam-se os canais capilares que se tenham formado. Aumentam de intensidade as reacções químicas operadas no solo. De facto, a mobilização da terra, promovendo melhor arejamento, aumentando as reservas de humidade e regularizando a temperatura, origina uma multiplicação da flora microbiana. Facilita-se a nitrificação azotada: transformação do azoto orgânico em azoto nítrico, facilmente assimilável pelas plantas.

Convém, que as cavas não sejam muito fundas, para não se destruir as raízes superficiais da videira, o que daria origem ao seu debilitamento. Não devem

ultrapassar uma profundidade de 15 centímetros.

Devido a um conjunto de radiculas, que se encontram próximo da superfície, há quem aconselhe a supressão completa dos labores na vinha, e apenas a destruição da vegetação espontânea. A propósito das cavas nos vinhedos, lembra-se «que a vinha teme o ferro da charrua».

Esta mobilização, é ainda em muitas regiões, efectuada com a enxada. Quando a plantação o permite, pode executar-se por meio da tracção animal, ou então, recorre-se à motoviticultura, se o traçado, da plantação estiver adaptado à mecanização. Quando há escassez de mão-de-obra, e como estas mobilizações ficam muito caras, há uma tendência para se recorrer às máquinas, sempre que for possível. Deste modo, se reduz substancialmente, o preço de custo do vinho.

Recentemente, um professor francês de viticultura, indicou uma prática, como sendo susceptível de ter interesse, nomeadamente, nos países quentes e secos. Consiste na cobertura pedregosa do solo da vinha, facilitando a condensação de humidade atmosférica e a vida das matérias nitrificantes.

Também há quem pense, que uma técnica muito usada nos Estados Unidos, em pomares, e designada por mulching, daria bons resultados na cultura da vinha, a fim de se suprimirem todos os labores.

Cobre-se o solo com uma camada de palha, ou com erva ceifada; anualmente, essas camadas vão aumentando, e a que se encontra na base, apodrece, decompõe-se e nitrifica-se. Forma-se assim uma camada de húmus, que muito beneficia a videira. É uma operação cara, quando o mulching se faz com palha. Além disso, esta técnica continua em estudo, não se sabendo ao certo, qual o seu verdadeiro interesse.

Através destes ensaios, postos em

execução pela investigação científica, nota-se a grande preocupação da técnica em não efectuar fainas nos vinhedos, que possam prejudicar o sistema radicular da planta.

No conjunto de operações, que a cultura da vinha exige, verifica-se um paradoxo incompreensível, que é o facto, de nos preocuparmos em eliminar a vegetação espontânea, e por outro, continuamos a manter nas vinhas árvores de grande porte! Ora, este processo de cultura, representa um contra-senso, muito evidente, na maioria das vinhas existentes em Portugal. Como vimos, a conservação das ervas tem uma função útil durante o Inverno, mas na Primavera deve ser eliminada e enterrada. Contribui assim com uma avultada quantidade de matéria orgânica, que, segundo Branas, pode atingir 5000 quilos por hectare.

Portanto, a extirpação das ervas daninhas é uma prática de resultados positivos na época própria. A manutenção nas vinhas de árvores, ou de culturas esgotantes, é uma prática negativa, condenável. Não é só o desvio da humidade e dos elementos nutritivos, que provoca a sua presença, mas também representa um certo perigo, no que se relaciona com a propagação das várias doenças, que grassam abundantemente pelos campos. As vinhas estão enfraquecidas, porque sofrem uma concorrência de toda a espécie, e como mais débeis que são, ressentem-se deveras, com a presença de culturas estranhas.

Para terminarmos, insistimos mais uma vez, na utilidade em se banir a vegetação das vinhas. As ervas assim enterradas, são uma boa adubação verde; decompondo-se, sob a influência do oxigénio, da humidade e dos microorganismos existentes, transformam-se em húmus, que desempenha no solo um papel muito importante, como sabemos.



CAÇA E PESCA

TRUTAS EM 1963

por ALMEIDA COQUET

A O publicar estas linhas, já a nova época terá começado no primeiro dia de Março, segundo o regulamento agora em vigor.

Parece-me que pouco se poderá exigir dos rios este ano, pois não se pode esperar que só pelo facto de termos novas leis em vigor, se pudesse produzir o milagre de termos as águas interiores fartamente povoadas dum momento para o outro.

Tudo leva o seu tempo e no nosso caso, partindo de repovoamentos com alevins de menos de um ano de idade, *correndo bem as coisas*, serão precisos pelo menos três anos para se começar a colher os primeiros benefícios.

Por isso aqui se disse já, que se o regulamento à nova lei (1959) tivesse vindo dentro duns razoáveis seis meses após aquele diploma, estaríamos agora com os tais três anos decorridos e portanto habilitados a saborear já este ano os benefícios que agora nos estarão prometidos só para 1966...

Isto, quanto a trutas provenientes da nossa Estação Aquícola. Porque ainda não pode restar a esperança de que do Rio Ave para o norte possamos vir a ter boas *entradas* de trutas mariscas, que nos compensem um tanto da falta de trutas locais.

E a propósito das «mariscas» será bom lembrar o que é preciso fazer para a protecção destas trutas que, com pouca despesa, tão bons repovoamentos poderão dar aos nossos rios do norte:—FACI-

LITAR-LHES A ENTRADA E A SUBIDA DAS CORRENTES; E PROTECÇÃO NOS DESOVIDOUROS.

Evidentemente que se pode levar mais longe a protecção às mariscas; mas se se cumprir o que acima indico, já será muito bom e os resultados devem ser compensadores.

Na Noruega, junto à embocadura de alguns rios, usam ter tanques circulares de água doce, a que juntam alguma água do mar. Aí lançam as fêmeas capturadas à entrada, até ao momento de lhe poderem extrair os ovos para criação artificial. Isso, porém, já exige instalações custosas e alimentação dos reprodutores.

Voltando porém às perspectivas de pesca neste ano, que fazer então? Não pescar? Esperar três anos?

Julgo não ser esse o caminho a seguir. Embora sem grande esperança, não poderá o verdadeiro pescador desportivo deixar de percorrer alguns rios ou ribeiros da sua predilecção.

Já habituado aos «pregos» dos últimos anos, e com a lembrança de que poderá vir a ter algumas trutas num futuro mais ou menos próximo, não deixará de comparecer à chamada...

E com a sua presença, auxiliará também a fiscalização. E não deixará de viver umas tantas horas ao ar livre, compensação necessária para quem passa tantos dias preso ao trabalho habitual.

Quanto a processos de pesca, embora a maioria dos pescadores actuais siga a



É de notar o modo correcto como o pescador executa o lançamento. Cana bem firme na mão, começou o movimento para a frente, com energia; ao terminar o lançamento, o pescador solta a linha que segura na mão esquerda, para evitar retrocesso da linha e dar maior leveza à queda da «pluma» sobre a água.

prática do «thread-line fishing», alguns continuarão fiéis à «pluma», que tanto prazer pode dar a quem se lhe dedique de alma e coração.

Mesmo para as «mariscas», é bem aconselhável a mosca artificial ou «pluma». E como exercício é de respeito, pois não se poderá pescar algumas horas seguidas, sem treino razoável. D'outra forma, os músculos do braço e o pulso, acusarão o esforço.

Há, evidentemente, que escolher as «plumas» consoante a pesca.

Esse ponto é, porém, muito delicado, pois, além do aconselhado, muito influe a opinião e o gosto de cada pescador. É como na caça, com a questão dos cartuchos e das cargas...

No entanto, há sempre regras que são de aconselhar:

a) com águas fortes, moscas mais volumosas, em anzóis números 8 a 12 (escala antiga);

b) com águas mais baixas, moscas menos guarnecidas, em anzóis mais pequenos, 12 a 16;

c) com águas fortes, cores escuras (tons pardos, acastanhados), com filamento prateado ou dourado enrolado no corpo;

d) com águas mais baixas, tons pardos, castanho-avermelhado e cinzentos;

e) para as «mariscas», pode-se adoptar plumas com algumas cores mais vistosas, como vermelho na extremidade do corpo, asas mosquêadas, etc.

À medida que a época vai mais adiantada, com águas mais lentas e baixas, e tempo mais quente, vêm as trutas para a superfície, atonadas como é uso dizer em gíria de pescador, e então já é diferente o modo de pescar. Enquanto nos casos anteriores, a mosca é imersa ou «molhada», neste das trutas «atonadas», empregaremos uma «pluma» seca ou flutuante.

Tentaremos colocar a «pluma» pouco à frente da truta, com leveza, sem fustigar a água com o traço de sediola ou nylon; embora este venha a assentar na água. A corrente arrastará a «pluma» sobre a truta, e se esta aceita a «oferta»... poderemos pensar no capítulo seguinte: — enfiar, luta e captura.

Últimamente, tem-se desenvolvido mais em Inglaterra e em França, o uso de «plumas» imitando *ninfas* dos insectos de vida sub-aquática.

Essas «plumas» são de aspecto muito diferente das usuais; não têm asas, nem filamentos de penas enroladas (hackle). Apenas têm o corpo um pouco mais volumoso, (simulando a fase antes da eclosão das asas), dois ou três filamentos de cauda e meia dúzia de pequenos filamentos perto da cabeça (antenas e pernas).

Esta «pluma» é usada em águas paradas, e é confeccionada em parte ou no todo com fio de cobre muito fino, para lhe dar peso e provocar rápido afundamento.

Lançada a pluma à frente de uma truta

(Conclui na pág. 280)

POESIA E REALIDADE...

Pelo CONDE D'AURORA

Q meu velho amigo e companheiro de Coimbra, o Luciano Barata, rara sensibilidade de artista e de pensador, um de aqueles poetas da acção que jamais cometeram uma poesia escrita—publicou há dias um grito de alma, num grande vespertino, pedindo a protecção do Estado para certos pedaços da paisagem de Coimbra—essa paisagem que é uma das grandes riquezas espirituais da Nação.

Quinta das Lágrimas e Santa Clara-a-Velha—seria um crime construir lá um arranha-céus, ou uma fábrica, um quartel ou até um liceu!

Monumento Nacional, aquele pedaço de solo, aquela verdura, aquele arvoredo, Monumento Nacional!

Evidentemente!

Muito mais que a modesta igreja românica—e graças a Deus são tão numerosas, a múltipla pequenina igreja românica do Entre Douro-e-Minho—e não se toque nelas, claro!

Há pedaços de paisagem que o Estado devia preservar, como sucede na Grã-Bretanha—conservar.

E teríamos além do Senhor Conservador do Museu de X—o Senhor Conservador da Paisagem de tal.

Porque não?

Há anos pedi ao António Ferro a sua ajuda para tornar Monumento Nacional, aquele pedaço de Geraz do Lima, da Ribeira Lima, bacia de verdura e casario, de vides e capelinhas, de palácios e bouças e penedos e tojos e pinhais e oliveiras—25[^]2.

Solares brasonados dos séc.os XVII e XVIII—torre medieval ainda com seu fosso—casario humilde de pedra parda, debruadas as janelas e as portas a azulóio.

E no declive da colina tudo se espalha como num presépio de Machado de Castro—e os caminhos serpenteando costa arriba são engrinaldados de verdes latadas, latadas comuns aos aidos circunvizinhos que as vindimam cada um a sua, a sua meia dúzia de videiras.

("Vós sois como a Videira"—disse Ele).

Ao alto, pendurado nos verdes do alto, as brancas capelinhas de romaria anual—sem estrada carrossável, graças a Deus.

E as dezenas de azenhas são tangidas a água—e quando cai a noite e de todos os casais sobe o fumo azulado da ceia—bruxoleiam, aqui, além, as luzes amareladas das candeias—e quando há luar, a electricidade não o insulta.

Três pequeninas igrejas paroquiais, dos 3 Gerazes—Velho concelho de Geraz do Lima de outrora (onde veio D. Maria I, de barco, visitar seu primeiro ministro e agraciá-lo...) 100 o/o de praticantes—e na missa do dia, cada paróquia vive-a, litúrgicamente, também 100 o/o!

(E nas eleições últimas só 3 votaram fora do têsto, porque só dormem na aldeia e de dia estão empregados na cidade, a ganhar salário urbano!).

Morreu António Ferro—a electricidade vai invadir as terras de Geraz—e à sua volta já os cafezes aldeões intoxicam o povo com a TV diária.

Mas Coimbra: a nossa Coimbra, de todos aqueles que lá andaram algum dia, a Coimbra do Mondego, do Choupal e de Santa Clara, irá ser invadida pelo betão e pelo aquartelamento em cimento armado?

Senhor Governo! Proteja a paisagem de Coimbra—ouvindo o grito de alma de todos que por lá andaram—e são tantos!

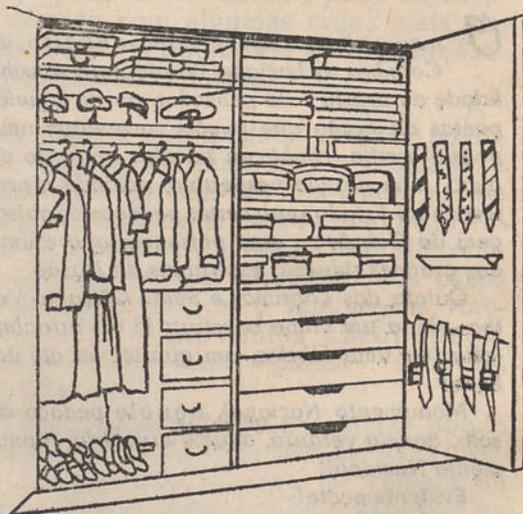
Secção Feminina

O armário-roupeiro, o melhor meio de acomodar muita roupa em pouco espaço

As modernas donas de casa têm de render-se à evidência: os móveis antigos, pesados, ocupando enorme espaço, não podem manter-se nos tempos de hoje, devido à exiguidade dos aposentos das casas dos nossos dias. Além disso, a nossa maneira de viver modificou-se completamente. Os nossos vestidos já não são os mesmos, os objectos indispensáveis à nossa vida são outros, o número de servidores domésticos diminuiu desastrosamente, e a dona de casa tem, por força, de simplificar os seus hábitos e a sua tarefa.

O problema da arrumação das roupas é um dos mais aflitivos pois, se não for inteligentemente resolvido, ocasiona grande incomodidade e desarrumação, provocando perda de tempo na procura de certas peças que devem estar mais à mão ou atravancando a casa com arca e móveis pequenos que nada resolvem.

A melhor forma de solucionar a situação é mandar fazer um móvel-roupeiro que pode ocupar uma parede de qualquer aposento a todo o comprimento, mas que comporta imensas peças, se forem inteligentemente arrumadas. Assim, deve começar por reservar-se um espaço com altura suficiente para pendurar casacos, sobretudo, vestidos e fatos; na parte de baixo uma pequena barra de madeira servirá de suporte para os sapatos. Nas prateleiras superiores arrumar-se-ão os chapéus, as malas que só de ano a ano se utilizam. Num dos lados, a toda a altura,



far-se-ão mais prateleiras de maior largura para arrumo de lençóis, cobertas ou cobertores, toalhas e outras peças do género. Do meio desta metade para baixo, instalar-se-ão gavetas largas, onde se guardarão as camisas e peças de roupa interior. A parte de dentro da porta pode aproveitar-se para colocar umas barras onde ficarão os cintos, gravatas e colocar-se uma pequena prateleira que é sempre de utilidade, até para arrumar luvas ou acessórios pequenos. Na nossa gravura apresentamos uma ideia que as nossas leitoras poderão aproveitar e que lhes dará, estamos certos, uma grande ajuda.

É claro que, para este efeito, até poderão aproveitar um desses móveis antigos que qualquer carpinteiro, com um pouco de habilidade, arranjará de acordo com a nossa gravura. Quem não possuir nenhum móvel que possa adaptar-se, poderá até aproveitar um recanto de parede, colo-

cando apenas o tampo de cima para evitar a queda do pó, as prateleiras e portas, evitando gastar dinheiro na madeira das costas e dos lados do móvel, se for bem excaixado entre o vão das paredes.

Aqui fica a ideia que não é nova, com certeza, mas que se torna de mais fácil execução quando esclarecida com um pequeno desenho como o agora apresentado. Esperamos que lhes aproveite.

Curiosidades...

Que é necessário saber

Os *talheres* que ficam escuros e manchados em contacto com os legumes e os ovos, retomam a sua cor clara e brilhante, se forem esfregados com um pouco de sebo.

Os *objectos niquelados* que sejam atacados pela ferrugem untam-se com banha sem sal ou vaselina pura e deixam-se ficar assim três a quatro dias; Passados estes, esfregam-se as *nódoas* com um pano embebido em amoníaco que dissolve a ferrugem sem atacar a niquelagem.

Os *espelhos embaciados* tornam-se brilhantes se foram untados com uma massa feita com um pouco de gesso dissolvido em água a que se junta um pouco de vinagre, enxugando depois com um pano seco e polindo.

Para defender os móveis da invasão das *formigas* esfregam-se os pés destes com um pouco de goma de cânfora, o que evitará que elas subam.

Os *bules* que não são usados durante um certo tempo, ganham um cheiro desagradável; para o evitar, devem deixar-se dentro algumas folhas secas de chá.

O *ranço da manteiga* desaparece, se se lavar esta num pouco de água em que se dissolveu um pouco de bicarbonato de soda, passando-a depois por umas poucas de águas limpas, voltando a salgá-la.

As *nódoas de vinho* saem facilmente molhando a parte suja com goma da roupa, a goma deve estar quente e deve

deixar-se a parte manchada algum tempo de molho.

Para que as moscas não lhe invadam o quarto de dormir, coloque uma planta de ricino como ornamentação. O poder tóxico desta livra o aposento desses insectos, sem prejudicar a saúde.

Os *objectos de marfim* amarelados branqueiam-se lavando-os com leite, e expondo-os ainda húmidos ao sol, sobre um prato de vidro, voltando-os de vez em quando.

As *nódoas da madeira encerada* tiram-se, esfregando-as com um trapo embebido em leite quente. Depois com um trapo de lã molhada em azeite passe-a ligeiramente e depois encere.

As *escovas* lavam-se mergulhando-as em água e amoníaco e penteiam-se com um pente limpo.

As *escovas de dentes* lavam-se com água oxigenada, diluída.

As *nódoas de gordura* caídas sobre fatos ou peças de vestuário cobrem-se imediatamente com pó de talco ou, na falta dele, com farinha triga. Deixa-se repousar por algumas horas, depois sacode-se ligeiramente o pó e escova-se fortemente. Se não sair completamente, volta a cobrir-se com o talco por mais algum tempo. Depois de bem escovada, pode passar-se com um pano embebido em água quente.

Uma herdade no Estado de Wisconsin

(Conclusão da pág. 255)

ços de Investigação e de Extensão para aumentar ainda mais a eficiência duma técnica agrícola já altamente suficiente.

O sr. Grunett e os seus muitos camaradas agricultores trabalham hoje com máquinas muito mais eficientes, variedades de plantas muito mais produtivas e resistentes, sistemas de cultivo mais económicos do que há poucos anos atrás. Também eliminaram grandemente os intermediários, associando-se, em vez de se entregarem nas mãos dos espertos que vivem bem à custa duma agricultura pobre.

Foi na esperança de que em Portugal se meditasse nalguns destes pontos que rabisquei estas linhas.



Serviço de CONSULTAS

REDACTORES—CONSULTORES

Prof. António Manuel de Azevedo Gomes — do *Instituto S. de Agronomia*; Dr. António Maria Owen Pinheiro Torres, Advog.; Dr. Antonio Sergio Pessoa, Méd. Veterinário—*Director da Estação de Avicultura Nacional*; Artur Benevides de Melo, Eng. Agrónomo—*Chefe dos Serviços Fitopatológicos da Estação Agraria do Porto*; Prof. Carlos Manuel Baeta Neves — do *Instituto Superior de Agronomia*; Duilio Marques, Eng. Agrónomo; Eduardo Alberto de Almeida Coquet, Publicista; Dr. José Carrilho Chaves, Medico Veterinario; Jose Madeira Pinto Lobo, Eng. Agrónomo — da *Estação Agraria de Viseu*; Mário da Cunha Ramos, Eng. Agrónomo — *Chefe do Laboratório da Estação Agraria do Porto*; Pedro Nuncio Bravo, Eng. Agrónomo—*Professor da Escola de Regentes Agricolas de Coimbra*; Valdemar Cordeiro, Eng. Agrónomo — da *Estação Agraria do Porto*; Vasco Correia Paixão, Eng. Agrónomo — *Director do Posto Central de Fomento Apícola*.

III — VITICULTURA

N.º 32 — Assinante n.º 37 499 — Aveiro.

IDENTIFICAÇÃO DE CLONES PORTA-ENXERTOS

PERGUNTA — Comprei uns centos de barbado americano por R 99, mas o meu caseiro teima que aquilo que me forneceram é Monticola.

Haverá entre as duas variedades tal semelhança que possa suscitar dúvidas?

RESPOSTA — Para quem não esteja habituado a distinguir os diversos clones é difícil nesta fase de os diferenciar devidamente, tanto mais que, por vezes o próprio meio em que são cultivados influencia certas características.

Os dois porta-enxertos diferenciam-se pela cor da vara, a do 99 R com um tom mais acastanhado enquanto que a do Rupestris du Lot ou Monticola é mais avermelhada.

A grossura da vara do Monticola é maior, em igualdade de condições de cultura, do que a do 99 R.

Os gomos do 99 R são também mais aguçados do que os do Monticola.—*Ma-deira Lobo*.

XVII — CUNICULTURA

N.º 33 — Assinante n.º 42 774 — Rio Tinto.

CARACTERÍSTICAS DO COELHO GIGANTE DE ESPANHA OU VALENCIANO.

PERGUNTA — Comprei em Santo Tirso um casal de coelhos *Gigante Espanhol Branco*; Tinham pouco mais de um mês e estão agora muito grandes e bonitos.

Desejava saber se há algumas características sobre os coelhos Gigante Hespagnol ou se é apenas o tamanho?

RESPOSTA — É o produto do cruzamento do coelho comum espanhol com o gigante de Flandres.

É animal rústico e precoce, de formas

arredondadas, com o peito, espáduas e garupa, bem carnudos.

As orelhas são grandes e aprumadas. A cabeça de chanfro convexilíneo, é chamada por essa configuração «carneirada». Assenta num pescoço forte, cujo bordo inferior nas coelhas apresenta «papada».

A pelagem ou é branca ou leonada e homogénia.

O focinho é curto e ornado de bigodes de grandes vibrissas. A cauda é bastante desenvolvida. As patas são curtas e largas, guarnecidas de unhas pardas ou negras.

O peso varia entre 5 e 7 quilogramas. As fêmeas são bastante prolíficas, chegando a dar à luz, 15 láparos em cada parto.

Peso normal aos 3 meses de idade é de 3 quilogramas. Aos 11 meses pode atingir quase meia arroba.

Não carece de cuidados especiais, somente exige boa alimentação abundante, sem composição especial.— *Carriho Chaves*.

XIX — MEDICINA VETERINÁRIA

N.º 34 — Assinante n.º 41 351 — Vila Franca das Naves.

SUÍNOS ATACADOS PELO REUMATISMO

PERGUNTA — Tenho 3 suínos com reumatismo, talvez devido às camas que, durante o tempo mais frio, foram deficientes.

Tenho-lhes esfregado as patas com essência de terebentina, mas sem resultado.

Venho, agora, pedir o favor de me indicarem qualquer outro remédio que fosse eficaz.

RESPOSTA — O frio e a humidade, são causas adjuvantes e predisponentes para o aparecimento do reumatismo, tanto no homem como nos animais.

A cama deverá ser seca e feita de boa palha, para ser quente.

Tratamento interno: Salol — cinco gramas por cabeça e por dia, durante uns poucos de dias misturado nos alimentos.

Pode também mandar ensaiar a tintura de «*alliu sativum*», iniciando-se o tratamento com 10 gotas por cada doente e por dia, aumentando-se todos os dias 2 gotas até atingir 30 gotas. Descançar 3 dias e recomeçar o tratamento em ordem inversa — 28 gotas, 26 gotas etc. até às 10 iniciais. Descansar novamente 3 dias e recomeçar.

A tintura de alho é ministrada juntamente com os alimentos.

O tratamento por vezes é muito demorado. Em certos casos, o reumatismo passa à cronicidade, como sucede a muitas pessoas.

Tratamento externo: Fricções diárias nas regiões afectadas, com «*Artrosalil*». *Carriho Chaves*.

XXIII — DIREITO RURAL

N.º 35 — Assinante n.º 42 335 — Figueira de Castelo Rodrigo.

A. DIREITO SUCESSÓRIO BRASILEIRO. DIREITO INTERNACIONAL PRIVADO

PERGUNTA — 1.ª A e B casaram em 1946, em comunhão de bens, e seguiram para o Brasil onde residiram até 1955 ou 1956, data em que voltaram para Portugal.

Em 1959 A voltou para o Brasil onde actualmente reside e B ficou em Portugal, falecendo em 1961. Não há filhos e têm bens em dinheiro e propriedades nos dois países. Segundo a resposta a uma consulta feita por A, respondeu um advogado brasileiro que só os ascendentes e descendentes podem ser herdeiros e que, não havendo testamento, os bens reverterem a favor do estado brasileiro, uma vez que o domicílio seja o Brasil.

Desejo saber:

1.º — Se os bens deixados no Brasil pertencem, de facto, ao estado brasileiro, a A ou aos irmãos de B;

2.º — Vivendo B em Portugal há mais de 4 anos, se, para efeitos da lei brasileira, o domicílio é o nosso país ou o Brasil;

VINHOS — AZEITES — Executam-se todas as análises de vinhos e seus derivados, azeites, banhas, manteigas e todos os produtos de alimentação. Venda de todo o material de análises e reagentes. Cursos de aprendizagem de análises e tratamento de vinhos. Análises de recurso e peritagens em Laboratórios Oficiais, por técnico diplomado. Dirigir ao Estabelecimento *Vino-Vito*, R. Luís de Santarém, 10-1.º arr.º — LISBOA — Telefone B. X. 27130.

3.º — Sendo os irmãos considerados herdeiros, se se deve já fazer a prova, isto é, se devem habilitar-se aos bens existentes no Brasil, visto A se considerar já o único herdeiro desses bens;

4.º — A quem pertence o usufruto, e se A pode vender todos os bens imóveis e dispor do dinheiro que então existia;

2.ª A, tem uma propriedade encravada (são três propriedades no registo predial) e deseja passar pelas propriedades de B e C e antes de B plantar videiras e árvores de fruto no local onde pretendia passar, arrancou 4 videiras e desligou o arame que servia de suporte a 250 videiras e deu ordem aos trabalhadores para tudo destruírem na referida passagem. Como B se opôs à sua passagem levou o caso ao tribunal, exigindo a passagem pelo sitio onde, para passar, tem de se arrancar árvores de fruto e videiras, deslocar postes e cortar arame, com o fundamento, aliás falso, de que por lá tem passado há mais de 40 anos. É certo que os arrendatários passavam sempre pelo local que mais lhes convinha quando as propriedades de B e C não estavam semeadas, mas nunca pelo mesmo sitio, antes da plantação da vinha em 1957, data em que por lá deixaram de passar definitivamente. E só em 1962, na posse do actual possuidor, por herança, pela força, como se disse, destruindo tudo, é que por lá voltou a passar algumas vezes.

Vejamos:

1. O caminho mais próximo, mais cómodo e menos oneroso, sem qualquer obstáculo — paredes ou regatos — é o que vai direito à estrada municipal, seguindo mesmo à saída do portal que ainda se nota no bardalhão e pelo mesmo leito onde há menos de 60 anos existia um caminho público, de que ainda há vestígios na referida estrada — uma calçada. Dit. 108 metros. Atravessa três propriedades cerealíferas.

2. Pelas propriedades de B e C o caminho é mais comprido, menos cómodo e mais oneroso. Não é plano e a distância é de 210 metros. Atravessa duas propriedades, sendo uma vinha e outra cerealífera.

3. Embora em sentido contrário ao povo, mas a caminho do povo, a distância a caminho público, através da propriedade de B ou de um caminho de A, a distância é de 103 metros e sempre ao longo de parede. Em qualquer dos casos atravessa uma só propriedade.

4. Ao longo das propriedades de B e C (nr. 2) a distância é igual e atravessa uma só propriedade e seguiria pelo mesmo leito do caminho público incorporado e seguiria sempre ao longo do bardalhão existente e atravessa uma só propriedade cerealífera.

Pergunta-se:

1 — A distância a considerar é ao povo ou ao caminho mais próximo?

2 — O dono do prédio encravado pode exigir a passagem por onde deseja ou tem de passar por onde não haja obstáculos, é mais próximo do caminho público (estrada municipal) e menos oneroso?

3 — Provando-se a existência de um caminho

público que A deixou perder, por negligência, e sendo pelo mesmo local, em qualquer sentido, mais próximo (nr. 1) ou tão próximo (nr. 4) a caminho público, têm B e C de dar caminho aos prédios encravados?

4 — Mesmo que C autorize ou venda a propriedade a A (a distância através da propriedade de B é ainda de 120 metros a distância a considerar é ao caminho público ou é à linha divisória das propriedades de B e C.

5 — Pelo facto de terem passado pelas propriedades de B e C durante anos e até à abertura da vinha em 1957, mas nunca pelo mesmo sitio, dá alguns direitos a A? Esta passagem era desconhecida pelos então donos da propriedade de B. Não era aparente. Não há muros, nunca houve carreiros ou rodeiras e a terra foi sempre lavrada e quando lavrada nunca por lá passaram. As terras davam passagem umas às outras e alguns caminhos desapareceram por essa causa.

As rodeiras de uma vinha, que são lavradas, podem considerar-se terrenos incultos?

RESPOSTA — 1. Devo, em primeiro lugar, advertir o senhor consulente que não me parecem ser do âmbito destas consultas assuntos que impliquem estudo de direito estrangeiro, pois só com diligências de diversa ordem junto das entidades consulares ou diplomáticas do país visado — que esse mesmo âmbito não justifica — se poderia obter a lesgilação mais recente sobre o assunto em causa.

Não quero no entanto deixar de dar resposta ao que me pergunta, embora com toda a reserva, pois sirvo-me para o efeito duma edição do Código Civil Brasileiro de 1916 (data em que foi promulgado, para entrar em vigor em 1-1-1917).

2. Dispõe o art. 1603.º que a sucessão legítima obedece à seguinte ordem: 1.º, descendentes; 2.º, ascendentes; 3.º, conjugue sobrevivente; 4.º, colaterais e 5.º Estados, Distrito Federal ou União.

Parece assim que, pela lei brasileira, os bens deixados por B — a sua meação dos bens do casal — pertence a A, em propriedade plena, excluindo, portanto, em todos os aspectos, os irmãos de B.

3. Como pela lei portuguesa (art. 1969.º do Cód. Civil), os irmãos e seus descendentes preferem ao conjugue sobrevivente, interessa de sobremaneira saber qual há-de ser a lei aplicável, se a portuguesa se a brasileira, ou se ambas.

E, partindo do princípio que tanto A como B tinham a nacionalidade portuguesa, em face das leis dos dois países, duas hipóteses se podem pôr: ou se aplica a lei portuguesa (quer porque a nacionalidade do de cujus era portuguesa — e entre nós é a lei nacional do defunto que regula a sucessão; quer porque o domicílio de B era em Portugal —, e, salvo erro, é a lei do domicílio que rege a sucessão entre os brasileiros); ou se aplica a lei portuguesa quanto aos bens sitos em Portugal e a brasileira quanto aos sitos no Brasil.

É, no entanto, de afastar esta última hipótese, pois, tanto no Código Civil Brasileiro como entre nós, se aplica o princípio da unidade e universalidade da sucessão, isto é, o princípio de que a sucessão se rege por uma única lei, abrangendo todos os bens.

Ora, aplicando-se totalmente o exposto — o que só analisando inúmeros aspectos que os dados da consulta não elucidam me permitiria concluir com outra certeza —, parece ser de aplicar ao caso a lei portuguesa, mesmo para os bens sitos no Brasil.

4. Fica-nos no entanto de pé o problema de saber qual deverá ser considerado o domicílio de B Pela lei brasileira — e pela nossa — o domicílio da mulher casada é o do marido (§ ún. do art. 36.º do Código Civil Brasileiro e art. 49.º do Cód. Civil Português), pelo que se A era o marido, o domicílio de B seria no Brasil.

Por outro lado, pela lei portuguesa — segundo a melhor doutrina — o domicílio da mulher deixa de ser o do marido, se este tiver ido para o estrangeiro, sem que ela o tivesse acompanhado, o que já modificará os dados do problema, mas fará surgir um outro, o de saber se a lei brasileira aceita ou não o mesmo princípio, problema que me abstenho de analisar por desconhecê-la, de momento, com suficiente profundidade.

Acrescentarei, no entanto, que se a lei brasileira aceitar esse princípio tudo se resolve afinal e de novo, pela aplicação à sucessão da lei portuguesa. Caso contrário, surgirá um conflito para cuja resolução existem várias regras que, pela

sua complexidade, me abstenho também de expor.

Mas o problema do domicílio de B é importante, pois a lei brasileira, salvo erro, em matéria de direito internacional, rege-se fundamentalmente pelo domicílio e não pela nacionalidade.

5. Enfim, toda esta matéria exige cuidadoso estudo e parece-me, à primeira vista, que o meu colega brasileiro, se deu a resposta que vem na consulta, não atendeu aos inúmeros problemas de direito internacional que o assunto levanta, e não se pode esquecer que B morreu em Portugal e que, portanto, os tribunais portugueses têm toda a competência para decidir acerca do assunto, embora a sua decisão possa vir a ter dificuldades de execução no Brasil, para produzir efeitos em relação aos bens aí situados, umas se porventura o assunto vier a ser decidido no Brasil em virtude de qualquer regra de competência da lei brasileira, que desconheço, a sua exequibilidade em Portugal também pode ser duvidosa.

6. Os pontos 3.º e 4.º da consulta só poderão ser respondidos depois de resolvidas todas as questões prévias expostas.

Parece-me, no entanto, que, se o valor dos bens deixados justificar as despesas inerentes a um pleito judicial, o senhor consulente só terá vantagem em entregar o assunto a um advogado, expondo-lhe todos os pormenores que na consulta faltam.

B. SERVIDÃO DE PASSAGEM

1. Os proprietários das propriedades encravadas, isto é, que não têm comunicação alguma com a via pública, têm o direito de exigir caminho ou passagem pelos terrenos, vizinhos, indemnizando do prejuízo que com essa passagem venham a causar (Art. 2309.º do Código Civil).

2. Assim, parece-me que, se o motivo por que a lei concede o direito de passagem reside no enclave e se este é definido em função da via pública, esse

INTERMEDIÁRIO DOS LAVRADORES

Charrua em bom estado, vende-se. Tratar com A. Baptista—Almirante Reis, 103-1.º — Lisboa 1 — Telef. 51453.

direito de passagem consiste no trânsito para a via pública mais próxima e não, necessariamente, para a povoação.

3. A servidão de passagem, como qualquer outra, só se adquire por prescrição, se for aparente, isto é, se se revelar por obras ou outros sinais exteriores (art. 2272.º e § 3.º do art. 2270.º do Cód. Civil).

4. Por outro lado, estabelece o art. 2710.º do mesmo Cód. que, «a passagem será concedida pelo lado por onde haja de ser menos prejudicial aos donos dos prédios sujeitos».

5. Acresce ainda que o art. 2278.º do mesmo Código estabelece que se a servidão «no sítio assinado primitivamente para uso dela, se tornar prejudicial ao dono do prédio serviente, ou lhe obstar a fazer reparos ou melhoramentos importantes, poderá ser mudada por ele, contanto que o dono do prédio dominante não fique prejudicado».

6. E o § ún. do art. 2279.º estabelece que «as servidões constituídas por prescrição poderão ser judicialmente declaradas extintas, a requerimento do proprietário serviente, desde que se tornem desnecessárias ao prédio dominante... porque o proprietário dominante pode fazê-lo por qualquer outro meio igualmente cómodo».

7. Uma vinha é, no meu entender, terreno cultivado; assim como as rodeiras que são lavradas.

8. Suponho assim fornecer elementos suficientes para que o senhor consulente resolva os diversos pontos em que tem dúvidas e que eu, na falta dum croquis ou do conhecimento directo da situação de facto, não consegui apreender completamente. — A. M. O. Pinheiro Torres.

A Técnica ao Serviço da Lavoura

(Conclusão da pág. 257)

ter aproveitamento comercial desde que se melhorem algumas das qualidades, aparece cerca de 15 dias mais cedo do que a castanha das formas culturais mais precoces do castanheiro indígena. Estes frutos comercialmente aproveitados e enquadrados num programa de melhoramento intensivo poderão contribuir grandemente para tornar menos cruciante a situação económica das populações rurais ligadas à cultura do castanheiro, sempre deficiente por não disporem de culturas agrícolas remuneradoras.

Além dos estudos a realizar nas parcelas de estudo estabelecidas e a estabelecer, à medida que se disponha de material resistente ao mal da «tinta», procura-se já constituir viveiros de produção de plantas resistentes pelo processo de multiplicação vegetativa aproveitando-se para tal fim os filhos dos clones obtidos há alguns anos, os quais se encontram a vegetar nas melhores condições.

Assim se vai criando nas diversas regiões do País um potencial cada vez maior de plantas resistentes para melhor se valorizarem as terras hoje depauperadas pela cultura abusiva do centeio.

(Continua)

A Moderna Agricultura Britânica

(Conclusão da pág. 258)

machado. O transporte de madeiras é mecanizado, e, como tudo o resto, a madeira é levada para as serrações em veículos com pneus.

O camponês, ao trabalhar, já não molha os pés: tem-nos secos dentro das suas botas de borracha e dispõe de energia eléctrica para o ajudar em muitas das suas tarefas.

O aspecto do camponês mudou juntamente com o aspecto da Inglaterra. Mas uma coisa é certa: ambos eles refletem vigor, determinação e confiança no progresso.



INFORMAÇÕES

Calendário de Abril

Durante este mês a duração do dia é de 12 h. e 36 m. em 1, e de 13 h. e 45 m. em 30.

DATAS	SOL		LUA	
	Nasc.	Pôr	Nasc.	Pôr
1 Segunda.	6.23	18.59	11.53	1.58
2 Terça.	6.22	19. 0	12.52	2.50
3 Quarta.	6.21	19. 1	13.51	3.37
4 Quinta.	6.19	19. 2	14.51	4.16
5 Sexta.	6.18	19. 3	15.49	4.51
6 Sábado.	6.16	19. 4	16.47	5.21
7 Domingo.	6.14	19. 5	17.44	5.50
8 Segunda.	6.13	19. 6	18.40	6.17
9 Terça.	6.11	19. 7	19.37	6.44
10 Quarta.	6.10	19. 8	20.33	7.11
11 Quinta.	6. 8	19. 8	21.30	7.40
12 Sexta.	6. 7	19. 9	22.28	8.11
13 Sábado.	6. 5	19.10	23.24	8.47
14 Domingo.	6. 4	19.11	*	9.26
15 Segunda.	6. 2	19.12	0.20	10.11
16 Terça.	6. 0	19.13	1.13	11. 3
17 Quarta.	5.59	19.14	2. 3	12. 2
18 Quinta.	5.58	19.15	2.49	13. 5
19 Sexta.	5.56	19.16	3.31	14.12
20 Sábado.	5.55	19.17	4. 9	15.22
21 Domingo.	5.54	19.18	4.46	16.34
22 Segunda.	5.53	19.19	5.20	17.47
23 Terça.	5.51	19.20	5.56	19. 2
24 Quarta.	5.50	19.21	6.33	20.18
25 Quinta.	5.49	19.22	7.13	21.32
26 Sexta.	5.47	19.23	7.58	22.43
27 Sábado.	5.46	19.24	8.47	23.47
28 Domingo.	5.44	19.25	9.43	*
29 Segunda.	5.43	19.26	0.42	0.45
30 Terça.	5.42	19.27	1.43	1.35

Q. C. em 30 às 15 h. 8 m.; L. C. em 9 às 0 h. e 57 m.; Q. M. em 17 às 2 h. e 52 m.; L. N. em 23 às 20 h. e 29 m.

A Abelha de Raça Sahariana

Todos os apicultores portugueses, e bem assim os de outros países, que tiveram ensejo de assistir ao XVIII Congresso Internacional de Apicultura, ouviram ali com bastante interesse uma comunicação relativa a uma espécie de abelhas originárias provavelmente da Ásia Menor, da Palestina, ou de Chipre, que alguns emigrados da Judeia introduziram na África do Norte, em princípio na Cirenaica e deslocadas depois pouco a pouco para o deserto do Sahará.

Devido às montanhosas regiões, essa raça não pôde misturar-se com as abelhas dos oasis do sul.

Aclimatou-se e resistiu ao duro clima local, onde os ventos quentes, vindos do deserto, alternam com o gelo.

Escassa vegetação lhes permitiu sustento, e só durante a época das chuvas, que dura quatro meses, o que lhes comunicou extraordinária rusticidade e poder de aclimação em zonas de reduzidas pastagens e climas desfavoráveis, nos quais demonstra melhor adaptação e produtividade do que as abelhas de espécies antes mantidas em melhores condições.

Algumas rainhas desta apreciável raça Sahariana foram importadas e estão a ser experimentadas em Portugal, em zonas ao sul do Tejo e no Alentejo, onde se adaptaram com facilidade em quase todos os casos e prometem esperançosas colheitas.

De entre as referências escritas que nos foram facultadas, podem citar-se apicultores da França e da Bélgica, que obtiveram os melhores resultados na Europa com abelhas Saharianas importadas.

Numa região da França, duas Saharianas ali em experiência deram cada uma 35 kg de mel, ao passo que outras 50 colmeias de abelhas locais e italianas não deram senão entre 8 e 10 kg numa ocasião de seca persistente motivadora de medíocre produção.

Outro apicultor do mesmo país diz que uma Sahariana lhe deu 70 kg em média e as outras colmeias apenas 20 quilos.

Da Bélgica dizem que estão maravilhados com as actividades das Saharianas, aclimatadas neste país e numa região fria e mais húmida do que Marrocos. Nessa região belga, quando uma recolha de Primavera foi nula na quase totalidade, as Saharianas permitiram colher 18 e 30 kg em locais diferentes.

Oferece-se agora aos apicultores portugueses

desejosos de fazer progredir a sua apicultura, a oportunidade de adquirirem abelhas-mães Saharianas e de com elas obterem os resultados que as referências mencionadas permitem augurar.

Em princípio, quaisquer importações de abelhas do estrangeiro devem vir acompanhadas dum certificado de sanidade, para se impedir, na medida do possível, uma introdução eventual de doenças perigosas; bom será, pois, que os eventuais compradores o exijam sempre ao importador com a respectiva chancela da fiscalização oficial no país de origem.

A produção de Azeite

Seu manifesto até 5 de Abril

No interesse dos nossos leitores transcrevemos a portaria sobre manifesto da existência de azeite:

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Secretário de Estado do Comércio, o seguinte:

1.º — Os produtores de azeite são obrigados a declarar perante os competentes Grémios da Lavoura até 5 de Abril próximo, de acordo com as instruções da Junta Nacional do Azeite, em impresso por esta fornecido, as quantidades de azeite que possuam, as que reservam para consumo próprio e das suas casas agrícolas e as transaccionadas mas que não tenham sido ainda levantadas pelos compradores.

2.º — Para efeito do disposto nesta portaria, consideram-se também produtores de azeite os proprietários, rendeiros, gerentes ou parceiros de lagares.

3.º — Os produtores que manifestarem azeite destinado à venda poderão transaccioná-lo ao abrigo do disposto na portaria n.º 19 483, de 6 de Novembro do ano findo. Terão, porém, que comunicar à delegação competente da Junta Nacional do Azeite todas as vendas que realizarem e à medida que estas vão tendo lugar.

4.º — As infracções do disposto nesta portaria serão punidas pela forma estabelecida no decreto-lei n.º 41 204, de 24 de Julho de 1957, e mais legislação aplicável.

5.º — A presente portaria entra imediatamente em vigor.

Exportação de sisal de Moçambique

Com uma produção de 28 911 toneladas, em 1960, a província de Moçambique exportou, no mesmo ano, o total de 27 950, no valor de 177 863 contos — revelam estatísticas publicadas nesta cidade.

O sisal, cuja primeira plantação, em 1907, se deveu à iniciativa do conde Stucky, é hoje cultivado em vinte plantações, que ocupam uma área total de 50 657 hectares, no Cabo Delgado, no distrito de Moçambique, na Manica e no Sofala.

Com 21 548 trabalhadores empregados nas

culturas, o sisal ocupou, naquele ano, o quinto lugar em importância nas exportações efectuadas pela província.

Importações alemãs de banana seca de Angola

Está a aumentar a exportação da banana seca angolana para a República Federal da Alemanha, que em 1961 subiu a 278 toneladas, em comparação com 248 no ano anterior e 215 em 1959.

Segundo as estatísticas publicadas na Imprensa de Hamburgo, as transacções daquele produto entre a Alemanha e Angola registaram um aumento de dezassete toneladas em 1960, de 64 em 1961 e atingiram cerca de 41 só no primeiro semestre de 1962.

Boletim Meteorológico para a Agricultura

fornecido pelo
Serviço Meteorológico Nacional

2.ª década (11-20) de Março de 1963

Influência do tempo nas culturas

A chuva que caiu durante a década continuou a prejudicar as culturas e os trabalhos de campo que estão atrasados na maioria das regiões do Continente. As culturas menos afectadas são as hortas e as das terras altas que tem geralmente bom aspecto vegetativo.

Executaram-se, na medida do possível, plantações de pomares, retanchas e cava. Em alguns arrozais fizeram-se a custo as sementeiras directas.

CAÇA E PESCA

TRUTAS EM 1963

(Conclusão da pág. n.º 270)

parada junto ao leito, provoca-se a subida lenta da «pluma» com pequenos sacões, imitando a deslocação incerta das ninfas, o que atrai a atenção da truta.

E quando o pescador se dedica também a confeccionar as «plumas»?

Isso então já é uma variante especial, que nos últimos anos se tem desenvolvido extraordinariamente. Mesmo entre nós, há já um grande número de pescadores que constroem as moscas com que pescam.

E mal se imagina o prazer que daí colhem!



A C. U. F.

(SECÇÃO AGRO-QUÍMICA)

põe à disposição dos Agricultores

a) Produtos para combater males e pragas

Agral LN — Molhante-aderente para incorporar nas caldas insecticidas e fungicidas.

Albolineum — Emulsão de óleo branco para combater as «cochonilhas» ou «lapas» e «icérias».

Mergamma — Desinfectante da semente do milho, a qual assegura protecção contra os ataques do «alfinete» e doenças criptogâmicas.

Cloroxone — Poderoso insecticida com base em Clordane, indicado para o combate à «formiga argentina».

Didimac 10 e 50 — Produtos com base em DDT, especialmente recomendados para o combate à «traça» da batata e das uvas, e ainda ao «bichado» dos frutos, à «teia» da macieira, etc.

Gammexane 50 (sem cheiro) e **P. 520** — Produtos com base em Lindane, e R. H. C.,

respectivamente, indicados em especial para o combate ao «escaravelho» da batateira, «pulgão» ou «áltica» da vinha, «hoplocampas», etc.

Gamapó A — Insecticida com base em B. H. C., próprio para a destruição dos insectos do solo — «quirónomo» do arroz, «alfinete» do milho, «roscas», etc.

Katakilla — Produto com base em Rotenona, para combater os «piolhos» e outros insectos prejudiciais às plantas.

Malaxone — Éster fosfórico não tóxico com base em Malathion; combate «algodões», «afídios ou piolhos» «traças» das uvas, «mosca» dos frutos, etc.

Quirogama — Insecticida líquido para o combate ao quirónomo ou lagartinha vermelha dos arrozais.

b) Produtos para destruição de ervas e arbustos

Agroxone 4 — Herbicida selectivo com base em M. C. P. A., completamente desprovido de toxicidade para o homem e animais domésticos. O herbicida que permite uma rápida, eficaz e económica monda das suas searas sem causar quaisquer prejuízos aos cereais.

Atlacide — Herbicida total com base em clorato de sódio para a destruição

das ervas daninhas dos arruamentos, jardins, etc.

Trioxone — Arbusticida hormonal, com base num éster do 2, 4, 5 T. Embora seja também activo contra diversas ervas daninhas de «folha larga», o 2, 4, 5 T é especialmente eficaz contra plantas lenhosas, tais como silvas, diversos tipos de mato, acácias infestantes, etc.

c) Produtos auxiliares da vegetação

Horthomona A — É um preparado sintético que estimula e ace-

lera a formação de raízes nas estacas.

À VENDA EM TODOS OS DEPÓSITOS E REVENDADORES DA

Companhia União Fabril

Av.ª do Infante Santo — LISBOA-3
(Gaveto da Av.ª 24 de Julho)

Rua do Bolhão, 192-3.º — PORTO

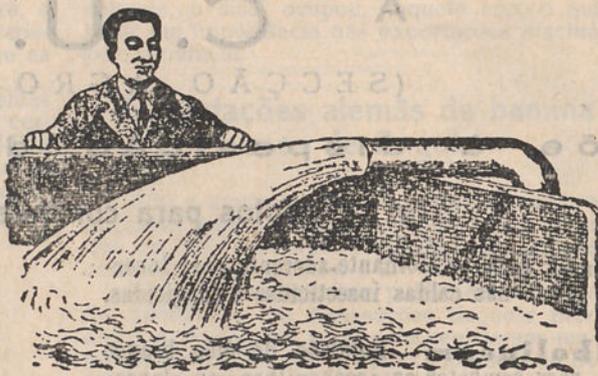
Grande sortido de

**Moto-Bombas e
Electro-Bombas**

P A R A R E G A

Confiam

na grande experiência da



CASA CASSELS

191, R. Mousinho da Silveira — PORTO

LISBOA — Avenida 24 de Julho, 56

3927

Os 6

PRINCIPAIS MOTIVOS
DO ALTO VALOR DA
UROCRASINA

- 1.º Dissolve e elimina o ácido urico
- 2.º Activa a diurese
- 3.º Regularisa a tensão arterial
- 4.º Facilita a circulação do sangue
- 5.º Combate a obesidade
- 6.º Desintoxica e rejuvenesce

UROCRASINA

Despecifico Anti-urico por excelencia

2816

Fosfato Thomas

O ADUBO ideal

para os SOLOS de Portugal

Nas terras pobres em cal empregue sempre

Fosfato Thomas,

o único adubo fosfatado com cal activa e neutralizante existente no mercado.

2890

Envie-nos hoje mesmo este cupom, em carta ou colado num postal, marcando com uma cruz o que lhe interessar.

AOS

A

Serviços Agronómicos do Fosfato Thomas

Rua D. João V, n.º 29-3.º D

LISBOA-2

Queiram gratuitamente:

- Enviar-me literatura.
- Fornecer-me instruções para a colheita de amostras de terra para análise (as despesas da análise ficam a cargo do agricultor).
- Visita do vosso Engenheiro.

Nome

Morada

GOSAN EM TODAS AS "CURAS"



EVITE o «desavinho» com

DITHANE z-78

Fungicida orgânico de zinco (Zinebe)

e **DITHANE M-22-A**

Fungicida orgânico de manganéz (Manebe)

em tratamentos alternados

2 produtos anti-míldio de efeito seguro

Contra o OÍDIO

KARATHANE

Produtos de qualidade, fabricados por *Rohm & Haas* — Filadélfia

PEÇA informações à

Sociedade Permutadora

LISBOA

S. A. R. L.

PORTO

Av. da Liberdade, 190—Telef. 48141/2

Rua da Boavista, 44 — Telef. 32107



Sunda Elástica

S/ MOLAS E S/ PELOTAS

CASA XAVIER

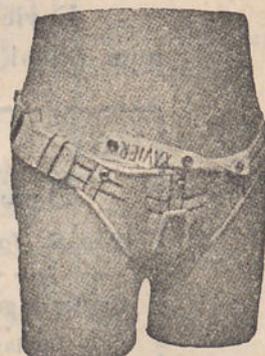
Albino Pinheiro Xavier, Filhos

ORTOPEDISTAS

161, Rua dos Caldeireiros, 165—PORTO

Telefone, 22908

1701



Mangueiras Plásticas para Regas

Mangueiras em borracha ou plástico para: pulverização, rega de jardins, vinhos, ácidos e canalização de água potável. — *Chupadores* de borracha ou em plástico. — *Telas* em plástico ou borracha.

Colchões e almofadas de borracha «ESPUMA» (o máximo de conforto e higiene). — *Botas* de borracha. — *Fatos e capas* impermeáveis. — *Borrachas e Plásticos* para todos os fins. *Pneus e Câmaras de Ar* para Automóveis e Ciclismo — **TRELLEBORG**

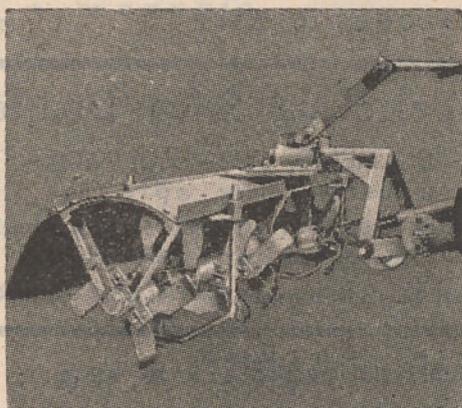
A Central da Borracha de Armindo Mendes

Travessa dos Clérigos, 1 a 5 — PORTO — Rua dos Caldeireiros, 141 a 145
Telefones: 27535-35953

£924

Máquinas Agrícolas

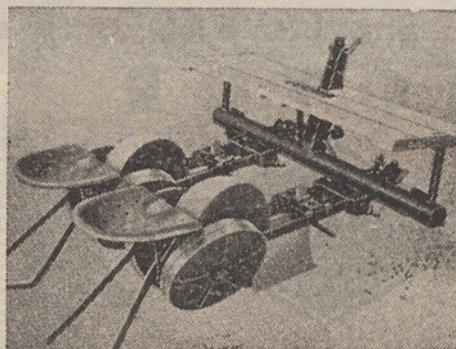
O famoso espalhador de Adubos granulados ou em pó. Máxima perfeição na distribuição de trigo semente. Extraordinário rigor e uniformidade no espalhamento de herbicidas em pó, na monda agrícola.



Outro material VICON:

Máquinas de Cavar VICON-ROTASPA, com as larguras de trabalho de 2,10 m e 1,05 m (especialmente para a vinha).

Ancinhos Rotativos (juntadores de fenos) tipos ACROBAT, LELY e SPRINTER.



ACCORD

— Moderníssimos *Plantadores e Sachadores* para tomate, batata, arroz, couve, beterraba, tabaco, cana-de-açúcar, etc.

KVERNELANDS — *Pás niveladoras e transportadoras de fenos*

HELWIG — *Máquinas de Arrancar batata e beterraba*

GEHRING — *Grades Rotativas* construídas para a moderna agricultura nas medidas de 0,90/1,30, 1,50, 1,70, 1,90 e 2,10

MASERATI — *Máquinas de Mungir* eléctricas ou a gasolina

TITO MANZINI

& FIGLI — *Máquinas e Instalações* para a indústria das conservas de frutos e tomate

3903

REPRESENTANTE EXCLUSIVO PARA PORTUGAL E PROVÍNCIAS ULTRAMARINAS

ANTÓNIO CÂMARA CORDOVIL

IMPORTAÇÃO - EXPORTAÇÃO

RUA DE CAMPOLIDE, 55-1. DTO. — TEL. 685262 — END. TEL. VIERZON

LISBOA

**PLANTAL
AS NOSSAS
ÁRVORES
E COLHEREIS OS
MELHORES FRUTOS
MOREIRA DA SILVA & F.^{OS}
HORTICULTORES
PORTO
CATALOGOS GRATIS**

As mais seleccionadas árvores de fruto
As melhores sementes de flores e de horta
As mais lindas ROSAS premiadas em Concursos Internacionais

Camélias, arbustos, arvoredos, bolbos, insecticidas, fungicidas. Construção de Jardins, Parques e Pomares.

Alfredo Moreira da Silva & F.^{os}, Lda.

Rua de D. Manuel II, 55 — PORTO
Telef. 21957 Teleg. «Roselândia-Porto»

CATÁLOGOS GRÁTIS

8702

Jóias - Pratas
Mármore - Bronzes
e prendas para
Baptizados e
Casamentos

956

**Ourivesaria
ALIANÇA**

PORTO — 191, R. das Flores, 211
Filial em LISBOA: R. Garrett (Chiado), 50

Alberto da Silva Duarte

COLMEIAS, CERA MOLDADA
e utensílios apícolas

304

Fabricante em Portugal desde 1935 da colmeia
"Langstroth-Root"

R. Capitão Luís Gonzaga, 38 — Tel. 23337 — COIMBRA

Snr. LAVRADOR...o seu melhor AMIGO é um...

MOTOR



Empregados em Portugal há mais de 25 anos, os motores Briggs & Stratton são os preferidos em todo o mundo para trabalhos agrícolas e industriais.

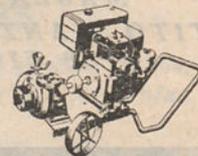
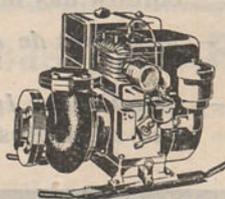
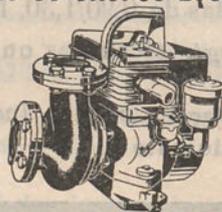
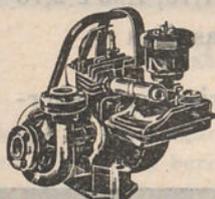
APOIADOS POR UM SERVIÇO COMPLETO DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA

MODERNOS — RESISTENTES — ECONÓMICOS
POTÊNCIAS: DE 1 A 9 H.P.

QUE O AJUDA A TIRAR O MÁXIMO RENDIMENTO DA TERRA.

TODOS OS MOTORES BRIGGS & STRATTON PODEM FUNCIONAR A PETRÓLEO OU A TRACTOL

UTILIZE NAS SUAS REGAS OS GRUPOS EQUIPADOS COM MOTORES BRIGGS & STRATTON



HAVAS

GRUPO 1 1/2" — MOTOR 2 HP
Esc. 1.950\$00

GRUPO 2" — MOTOR 2 1/2 HP
Esc. 2.100\$00

GRUPO 2 1/2" — MOTOR 4 1/2 HP
Esc. 3.950\$00

DIVERSOS MODELOS MONTADOS EM CARRO

QUEIRA CONSULTAR A



Electrónica, Lda

RUA DE SANTO ANTÓNIO, 71
TELEFONE, 25800 — PORTO

Pulverizadores

Rochá

*motorizados
e manuais*

PARA TODOS OS FINS



Rochá

Pulverizador ROCHÁ, de tracção animal,
com turbina dispersora para a pulverização
de **vinhas e árvores**

**a maior organização
do País
em material
para pulverização**

Uma organização séria
ao serviço da *Lavoura*

"WISCONSIN"

MOTORES A GASOLINA E PETRÓLEO
DE 2 A 50 CV. AVANÇADOS E DE RESERVA

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

CASA CAPUCHO

MILHEIRÓS • MAIA
TELEFONE, 948-341



Rede de distribuição
SACOR - CIDLA

PRODUTOS AGRAN
GARANTEM COLHEITA SÃ

*

COZY-S é um pó molhável, contendo 37,5% de COBRE (sob a forma de oxiclóreto) e 16% de ZINEBE.

É um fungicida indicado para defender as principais culturas (Vitícola, Horticola e Frutícola) contra diversas doenças entre as quais o MÍLDIO, PEPRADO, MONILIOSE, LEPRO e CRIVADO.

8905

Viveiros da Quinta do Tamariz

Os maiores viveiros do Norte do País, com a maior selecção de barbados americanos e árvores de fruto. Plantas talhadas; coníferas; arvoredos; arbustos para jardins; plantas para sebes; roseiras; trepadeiras; etc., etc.

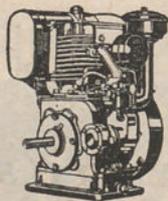
Serviços de assistência técnica. — Instalação de pomares. — Ordenação de propriedades e surribas.

No seu próprio interesse visite os n/ viveiros.

PEÇA CATÁLOGOS GRÁTIS

Sociedade Agrícola da Quinta do Tamariz, Lda.
Carreira — Silveiros (Minho) Telef. 71 — NINE

3684



"WISCONSIN"

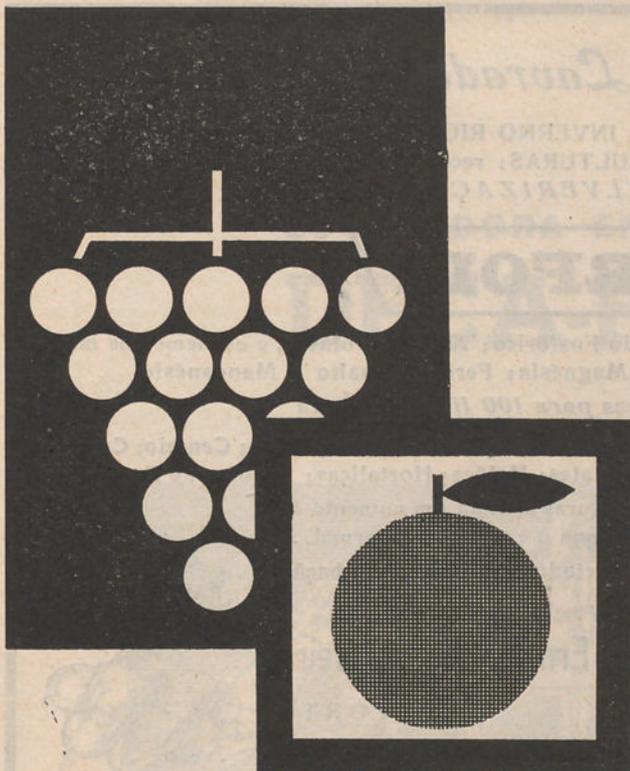
MOTORES A GAZOLINA E PETRÓLEO
DE 2 A 30 CAVALOS — PEÇAS DE RESERVA

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

CASA CAPUCHO

LISBOA — RUA DE S. PAULO — 113-129
PORTO — R. MOUS. DA SILVEIRA — 139-143

3893



Agricultura... a base da sua riqueza

como todas as coisas, necessita de protecção...
a protecção que somente a SHELL lhe pode dar.

INSECTICIDAS: Arakol - Dytrol - Ditreem 50WP.
Phosdrin 24% - Shell Dioldrex 15 - Shell Dioldrin 50%WP
Shell Endrin 19,5% - Telodrin 15% - Vapona 4.

FUNGICIDAS: Fungicida Shell (cúprico) - Sulphoshell.
Shell H. C. B - Shell Ditsan - Shell Zineb.

HERBICIDAS: Gramevin - Shell M. C. P. A. 80%-pó.
Shell M. C. P. A. 30% - Shell 2; 4 D.

MOLHANTE: Shellestol.

NEMATICIDAS: Nemagon 75% - Shell D. D.

são os guardas fiéis dos seus bens... combatendo as pragas e aumentando-lhe os lucros.

PARA QUALQUER ESCLARECIMENTO OU PEDIDOS DE MATERIAL IMPRESSO SOBRE OS PRODUTOS SHELL
PARA A AGRICULTURA, DIRIJA-SE AO NOSSO AGENTE DA ÁREA OU A:

— PRODUTOS QUÍMICOS SHELL — Avenida da Liberdade, 249 — Telef. 733141 — LISBOA
— Rua Sá da Bandeira, 706-1.º — Telef. 20431 — PORTO

PRODUTOS QUÍMICOS





Senhores Lavradores

Depois de um INVERNO RIGOROSO, só tem uma solução para defender as suas CULTURAS: recorra à **ADUBAÇÃO MODERNA** por meio de **PULVERIZAÇÕES** com

FERFOLI

que contem: 20% de Azoto; 20% de Ácido Fosfórico; 20% de Potassa, e os elementos mínimos de Boro; Zinco; Cobre; Enxofre; Magnésia; Ferro; Cobalto e Manganésio
500 ou 200 gramas para 100 litro de Água

Com **FERFOLI** poderá adubar as suas culturas de Vinha; Batata; Trigo; Centeio; Cevada; Aveia; Arroz; Feijão; Favas; Ervilhas; Tomates; Melões; Hortaliças; Árvores de Fruto; etc.

Adubando com **FERFOLI** todas as culturas acusam um aumento de produção que pode chegar até 50% mais do que o rendimento normal...

Em terrenos desfavoráveis, ou em períodos de seca, a adubação pelas folhas é a mais rápida e eficaz.

Estabelecimentos de Importação Ernesto F. d'Oliveira

LISBOA

S. A. R. L.

PORTO

R. dos Sapateiros, 115-1.º

Telefs. 822478 e 822484
Telegramas — LAVOURA

R. Mousinho da Silveira, 195-1.º

Telefone, 22031
Telegramas — NESIEIRA



HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOIA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, e a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, erupções ou ardência na pele.

À venda em todas as farmácias e drogas

**VICENTE RIBEIRO & CARVALHO
DA FONSECA, LIMITADA**
RUA DA PRATA 237 - LISBOA



OENOL

Sociedade Portuguesa
de Enologia, Lda.

Importadores - Armazenistas

DE

Produtos Enológicos
Material de Adega

E

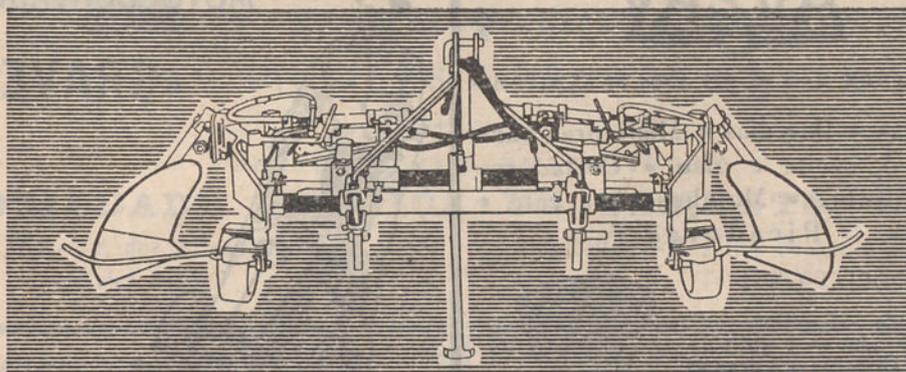
Material de Laboratório

LISBOA — Rua da Prata, 185, 2.º
Telefones: 2.8011 - 2.8014

2860

ESCAVADORA ENTRE-CEPAS

DECA-FRUIT



de comando hidráulico e
própria para tractores
"MASSEY-FERGUSON"
25 e 35 Vinhateiros

**Uma alfaia indispensá-
vel na mecanização
dos trabalhos em
vinhas**

Representantes Exclusivos:

TRACTORES DE PORTUGAL, LDA.

Av. da Liberdade, 35, 4.º

Agentes em todo o país

87



Agente Geral para Portugal e Ultramar:
J. L. Duarte de Almeida, Suc.ª
Rua de S. Miguel, 61 — PORTO
Telefone, 26515

a bomba que resolve o seu problema caseiro
para hortas e jardins,
pequenas regas, etc.

3877

CONSUMO DE ELECTRICIDADE MÍNIMO
.....

“VIBRO-VERTA”
a bomba portátil que resolve o abastecimento de água
na cidade e no campo

DEMONSTRAÇÕES GRÁTIS

AVERY

2876

A MARCA COM MAIS DE 225 ANOS DE EXISTÊNCIA

Balanças * Básculas * Medidoras para
petróleo, azeite e óleo * Cortadores
para fiambre * Moinhos para café *
Picadoras

MODELO A. 952

Capacidade - 10 quilos
Mostrador - 1 quilo
Divisões - 5 gramas

Balança semi-auto-
mática precisa,
moderna e de ele-
gante apresentação



MODELO M4CH

**Medidora para Petróleo,
Azeite e Óleo**

Medição rigorosa e automática
nas capacidades de 1/2 e 1
decilitros, 1/8, 1/4, 1/2 e 1 litro

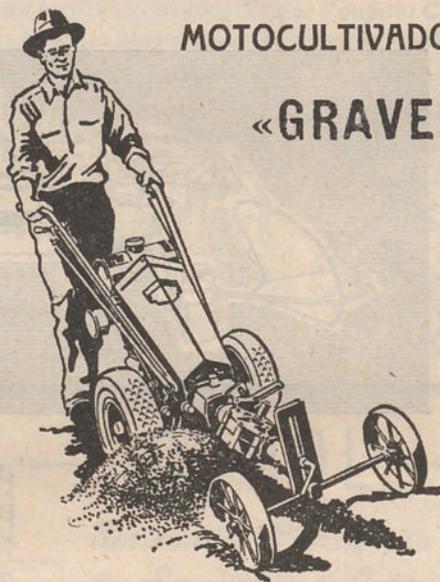
ESMALTADA A BRANCO
RÁPIDA E HIGIÊNICA
ELEGANTE, ROBUSTA E EFICIENTE

AVERY PORTUGUESA, L.ª

SEDE — LISBOA — Rua Braamcamp, 66-70 — Telef. 42001
FILIAL — PORTO — Rua D. João IV, 28 — Telef. 22144
AGÊNCIAS } COIMBRA — Rua da Sofia, 164 — Telef. 4512
 } FUNCHAL — R. Ferreiros, 18 — Telef. 318.2286

MOTOCULTIVADORES

«GRAVELY»



Um só motocultivador * 30 alfaías agrícolas

Lavra — Sacha — Grada — Semeia —
Transporta — Cava e descava
vinhas — Pulveriza vinhas, batatais
e árvores — Serra — Rega — Ceifa —
etc., etc.

5886

ADQUIRA um motocultivador

ESCOLHA as alfaías que precisa

Representantes exclusivos:

INIMEX

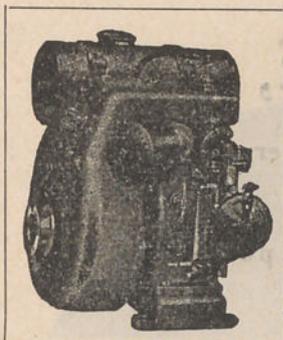
— Internacional Importadora e Exportadora, Lda. —
Rua do Almada, 443 — Telef. 33379 — PORTO

O Caminho de Ferro é o transporte ideal,
pois é seguro, rápido, prático e económico.

1593

Motores e Grupos de Rega

VILLIERS



MOTORES A PETRÓLEO

QUATRO TEMPOS

MARK 10, MARK 20, MARK 25, MARK 40
1,1 HP 2 HP 2,4 HP 3,3 HP

GRUPOS DE REGA DE

1 1/2" 2" 2 1/2" 3"

ENCONTRÁ-LOS-À NAS BOAS CASAS DA SUA REGIÃO

REGUE COM VILLIERS E REGARÁ TRANQUILO

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL

SOCIEDADE TÉCNICA DE FOMENTO, LDA.

PORTO — Av. dos Aliados, 168-A
Telef. 26526/7

LISBOA — R. Filipe Folque, 7-E e 7-F
Telef. 53393 3532

O MELHOR CAFÉ
É O DA

BRASILEIRA

61, Rua Sá da Bandeira, 91

Telefones, 27146, 27147 e 27148 — PORTO

(Envia-se para toda a parte)

2854

PARA AS GALINHAS

USAR o conhecido **DESINFECTANTE ZAP**
ENÉRGICO, ACTIVO, EFICAZ

Aplica-se nos bebedouros das aves e é **INOFENSIVO** para os animais domésticos

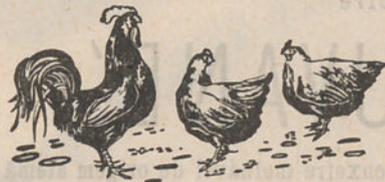
Com o desinfectante ZAP as galinhas não se contaminam
Fresco pequeno . 12\$50 * Fresco grande . 50\$00

Vende-se em todas as farmácias, drogas, aviários, etc.

DISTRIBUIDORES
GERAIS:

Vicente Ribeiro
& C.ª

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º, Dt.º
L I S B O A



SEMENTES

«A SEMENTEIRA» de ALÍPIO DIAS & IRMÃO, para semear nesta época recomenda:

Alfices — Azevens — Beterraba para mesa, Beterraba forraginosa — Carrajó — Cebolas — Ceneuras — Couves pencas, Couves tronchuda, Couves repolhos — Ervilhas de grão, Ervilhas de quebrar — Espinafres — Erva molar — Favas — Lawn grass — Luzerna de provence, Luzerna flamande — Ray grass — Rabanetes — Trevo bar-sim, Trevo spadony, Trevo branco anão, Trevo branco gigante Ladino, Trevo da Pérsia, etc., etc., etc. E ainda uma completa coleção de FLORES, próprias desta época.

Se deseja SEMEAR E COLHER dá a preferência às sementes que com o maior escrúpulo lhe fornece a

«A SEMENTEIRA» de Alípio Dias & Irmão

Rua Mouzinho da Silveira, 178

Telef.: 27578 e 33715

PORTO

N. B. — Preços especiais para revenda

CATÁLOGO — Se ainda não o possui, peça-o que lhe será enviado gratuitamente.



Evite sachar o *milho*

o GESAPRIME,

aplicado na ocasião da SEMENTEIRA, evita as ervas, dispensa a sacha e aumenta a produção.

O GESAPRIME também se pode aplicar na vinha contra as ervas.

PEDIR INFORMAÇÕES A:

CARLOS CARDOSO
CAIXA POSTAL, 42

Rua do Bonjardim 551 — PORTO

3925

Senhores Lavradores...

Defendam as vossas *Vinhas* e *Árvores de Fruto*, aplicando nas mesmas o inigualável enxofre

"UVANE"

o excelente enxofre molhável de origem alemã que contém 98% de enxofre puro.

Prefiram e exijam "**UVANE**" que é incontestavelmente o melhor enxofre molhável para combater o "*Oídio*" das *Vinhas*, o "*Pedrado*" das *Pereiras* e *Macieiras*, a "*Aranha Vermelha*" dos *Pomares*, etc., como o garante a sua alta dosagem.

Pedidos aos importadores:

José Ferreira Botelho, L.^{da}

Rua Mousinho da Silveira, 140-1.º — PORTO
Telefone, 24160

3921

Os produtos da

UMUPRO

LYON — FRANÇA

3189



HELICIDE GRANULÉ — Produto efficacíssimo na extinção dos caracóis, à base de metaldeído;

UMUCORTIL GRANULÉ — Para combate aos ralos, à base de clordane;



são distribuídos em Portugal por

Ferreira, Rio & C.^o, L.^{da}

Rua do Almada, 329-1.º — Telef. 23007 — PORTO

CUF MD-1

CONTRA O
MILDIO



MILDOR

FUNGICIDA CÚPRICO-ORGÂNICO

EFICAZ
ECONÓMICO
FÁCIL DE PREPARAR-
-NÃO NECESSITA
DE CAL

prefira MILDOR porque MILDOR é melhor

PARA
TODOS OS
ESCLARECIMENTOS
DIRIJA-SE
AOS NOSSOS
SERVIÇOS
AGRONÓMICOS



COMPANHIA UNIÃO FABRIL
AV. INFANTE SANTO, 2 LISBOA 3

CIANAMIDA CÁLCICA

CAL AZOTADA

20-21% DE AZOTO

O ADUBO AZOTADO COM
MAIOR PERCENTAGEM DE CAL

*OS MELHORES RESULTADOS EM SOLOS ÁCIDOS
NAS SEGUINTE CULTURAS:*

ARROZ, MILHO, CEREAIS DE PRAGANA,
BATATA, OLIVAL, VINHA, POMAR, etc.

E AINDA

NA PREPARAÇÃO DE ESTRUMES E
NO COMBATE AS ERVAS DANINHAS



COMPANHIA PORTUGUESA DE FORNOS ELÉCTRICOS

INSTALAÇÕES FABRIS
CANAS DE SENHORIM



SERVIÇOS AGRONÓMICOS
LARGO DE S. CARLOS, 4-2.º
LISBOA — TELEFONE 368989